

**“É TUDO PSICOLÓGICO! DINHEIRO... PRUUU! FICA  
LOGO DURO!”: desejo, excitação e prazer  
entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife”**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**NORMANDO JOSÉ QUEIROZ VIANA**

**“É TUDO PSICOLÓGICO! DINHEIRO... PRUUU! FICA  
LOGO DURO!”: desejo, excitação e prazer  
entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Luís Felipe Rios do Nascimento

RECIFE  
2010

**Viana, Normando José Queiroz**

**“É tudo psicológico/dinheiro/pruuu e fica logo duro! : desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife / Normando José Queiroz Viana. – Recife: O Autor, 2010.**

**112 folhas: il., mapa.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2010.**

**Inclui: bibliografia.**

**1. Psicologia. 2. Prostituição masculina. 3. Homossexualismo masculino. 4. Boys – Desejo sexual. I. Título.**

**159.9**

**150**

**CDU (2.  
ed.)**

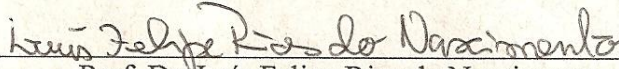
**CDD (22. ed.)**


**UFPE  
BCFCH2010/37**

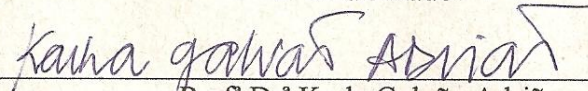
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO

**“É TUDO PSICOLÓGICO! DINHEIRO... PRUUU! FICA  
LOGO DURO’: desejo, excitação e prazer entre  
boys de programa com práticas homossexuais em Recife”**

Comissão Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento  
1º Examinador/Presidente

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª Paula Sandrine Machado  
2º Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª Karla Galvão Adrião  
3º Examinador

Recife, 26 de fevereiro de 2010

## AGRADECIMENTOS

Eis aqui o momento de agradecer a todos/as aqueles/as que de alguma forma colaboraram para a concretização dessa etapa, ao mesmo tempo árdua e maravilhosa, da minha vida acadêmica e por que não pessoal.

Começar por onde, é o primeiro dos desafios. Por mais clichê que pareça ser, agradecer a família é o que me ocorre de imediato. Agradecer aos pais zelosos e amorosos que nutriram, e nutrem até hoje a mim e as minhas também amadas irmãs, de autoconfiança e tudo de mais necessário para que tenhamos nos tornado adultos saudáveis no sentido pleno da palavra. Agradeço também a todos aqueles que “chegaram” a minha família, cunhados, compadres e comadres, e em especial aqueles, ou melhor, aquele que está por vir (Vinícius).

Agradeço aos amigos de hoje e de outrora dentro e fora da universidade, sobretudo aqueles que pude reencontrar durante o curso, em especial a companheira Etiane, e aqueles dos quais tive o privilégio de conhecer e que hoje os sinto como amigos (Ana Flávia e Orlando).

Também não poderia deixar de agradecer ao meu orientador Luis Felipe Rios do Nascimento, que com dedicação e paciência trilhou este caminho comigo, como também a Karla e Paula que da qualificação à defesa contribuíram expressivamente para o aprimoramento da minha (nossa) produção.

Aqui também quero agradecer a todos aqueles que compõem o corpo docente e administrativo do Programa de Pós Graduação em Psicologia, sobretudo, a querida Alda pela precisão das informações, a docilidade no trato e a disponibilidade de sempre.

Em especial agradeço aos meus amigos da “noite”, sobretudo a Rogério, pela acolhida, pelo acompanhar do campo madrugadas a dentro, pelas conversas ricas em possibilidades analíticas e pelo revelar de informações aparentemente simples mas que a mim foram por demais preciosas.

Por fim, e mais do que especialmente, agradeço a Eptacio pelas orientações não só acadêmicas, mas sim pelas orientações de vida e pelo privilegio de poder dividir com você mais um momento tão especial em minha vida.

Agradeço também a CAPES pela concessão de bolsa de estudos que me possibilitou me dedicar com mais afinco à minha pesquisa.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1 – CONSTRUCIONISMO SOCIAL DA SEXUALIDADE.....</b>	<b>14</b>
1.1. A Sexualidade e a Psicanálise .....	16
1.2. A Sexualidade e os Sexólogos.....	19
a) Os Postulados de Henry Haverlock Ellis.....	20
b) Os Postulados de Alfred Kinsey.....	22
c) Os Postulados de William Masters e Virginia Johnson.....	23
d) Avanços e Retrocessos Teóricos.....	27
1.3. A Teoria Construcionista.....	28
1.4. Psicologia (Cultural) do Corpo.....	32
<b>CAPÍTULO 2 – CANTOS, RECANTOS E ENCANTOS NAS RUAS E BECOS DE RECIFE.....</b>	<b>35</b>
2.1. Prostituição Viril em Espaços de Domínio Privado – As Saunas.....	39
2.1.1. Sauna 1 – A Popular.....	40
2.1.2. Sauna 2 – A Elitizada.....	44
2.2. Prostituição Viril em Espaços de Domínio Público – A Rua.....	49
2.3. Mercado Homoerótico: Rotinas do Trabalho do Boy.....	55
<b>CAPÍTULO 3 – “É TUDO PSICOLÓGICO: TÉCNICAS DE SI NO NEGÓCIO DO SEXO”.....</b>	<b>62</b>
3.1. Roteiros e Parcerias Sexuais e o Mercado do Sexo.....	64
3.2. O Processo do Negócio do Sexo.....	67
3.2.1. Exposição da Mercadoria – O Servidor e o Serviço do Sexo....	67
3.2.2. Acerto do Negócio – O Serviço e o Preço.....	73

3.2.3. Transação Sexual.....	80
3.3. Técnicas de Si.....	81
3.3.1. Técnicas de Excitação.....	83
3.3.2. Modulação dos Corpos para o Orgasmo.....	87
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>109</b>
Lista de Informantes	
Lista de Tabelas	
Termo de Livre Consentimento	
Roteiro de Entrevista	



## RESUMO

No presente estudo, propõe-se analisar os sentidos e práticas relacionadas às categorias desejo, excitação e prazer nas vivências da prostituição masculina no centro urbano do Recife. A partir da pesquisa etnográfica, ferramentas para a coleta de dados tais como a observação participante, além de conversas informais e entrevistas semiestruturadas de caráter biográfico com os “boys de programa”, denominação local que utilizo para me referir aos homens que prestam serviços sexuais comerciais a outros homens, foram utilizadas. Fundamentado no campo teórico construcionista de apreensão da sexualidade, há um enfoque no aporte foucaulteano sobre a construção do eu nas sociedades contemporâneas para descrever e analisar os cenários públicos (ruas) e privados (estabelecimentos comerciais), onde as transações sexuais comerciais se iniciam, e que servirão como pano de fundo para a discussão sobre as “técnicas de si” utilizadas pelos boys na modelagem de seus corpos e almas quando de suas inserções e práticas na prostituição viril. Salienta-se que a maioria dos boys diz se reconhecer como heterossexual, ainda que situacionalmente “transem” com outros homens. Não obstante, para aqueles que se dizem hetero tais transações serão sempre mediadas pelo dinheiro. Um aparente paradoxo se revela, então, quando no negócio do sexo as performances dos boys são lidas a partir de teorias sexológicas que embasam o senso comum sobre o sexo. A questão que se coloca então é a seguinte: se a excitação implica em desejo e ambos levam ao prazer, como os boys podem sustentar uma heterossexualidade exclusiva? Para analisar tal paradoxo, duas técnicas de si foram exploradas: o exercício mental e a modelagem dos corpos para o orgasmo, que, articulados ao monetário e às fontes privilegiadas de prazer corporal, dizem das estratégias utilizadas pelos sujeitos inscritos no mercado homoerótico do Recife. Essas técnicas permitem que o sujeito tenha controle sobre mecanismos essencializados, como a excitação. Do mesmo modo, a análise demonstra uma dependência essencializante no arranjo desejo/excitação/prazer, quando articulado à categoria orientação sexual. Um modelo de pensar o orgasmo que se inscreve no âmbito da noção de pessoa individualista, focada em identidades fixas (“ou se é homossexual, ou se é heterossexual”; “os bissexuais quando muito são homossexuais que não se assumem como tal”) e imutáveis. Em outras palavras, “um homem heterossexual não se excitaria e/ou chegaria ao orgasmo na transação sexual com outro homem”. Essa essencialização é denunciada e desmantelada pelo negócio do sexo – onde numa sociedade capitalista como a nossa o desejo monetário tem força suficiente para mobilizar o psicológico e “pruuu”: deixar os boys de “pau duro” e prontos para a batalha.

Palavras chaves: prostituição viril; desejo; prazer e excitação sexual

## ABSTRACT

In the present study, an analysis of the directions and practices related to categories of desire, excitement and pleasure in the experiences of masculine prostitution in the urban center of Recife is proposed. Starting from the ethnographic research, the following tools for data collecting were used: participant observation, as well as informal conversations and semi-structured biographical interviews with “boys de programa” (lover boys), local denomination used here to relate to men who provide commercial sexual services to other men. Based on the theoretical constructionist field of sexuality apprehension, there is a Foucault focus on the construction of the self in contemporary societies to describe and analyze the public scenario (streets) and the private scenario (commercial establishments) where the commercial transactions initiate, serving as background to the discussion about the “self techniques” used by the boys in modeling their bodies and souls when inserted in the practice of virile prostitution. A point to be emphasized is that the majority of the boys declare themselves to be heterosexual, despite on occasion having sexual intercourse with other men. Nevertheless, for those who state they are hetero, such occasions are always mediated by money. An apparent paradox is revealed when in the sex business the performance of lover boys are read from sex theories that are the basis of the common sense about sex. The question is: if excitement implies in desire and both lead to pleasure, how can lover boys support an exclusive heterosexuality? In order to analyze this paradox, two techniques of the self were explored: the mental exercise and the modeling of the bodies to the orgasm, which articulated to the monetary issue and privileged sources of corporal pleasure, show the strategies used by the subjects participating in the homoerotic market of Recife. Such techniques allow the subject to have control over “essentialized” mechanisms, such as excitement. Likewise, the analysis demonstrates an “essentializing” dependency in the desire/excitement/pleasure combination when articulated to the sexual orientation category. A model to think about the orgasm that happens in the scope of the individualistic person, focused on fixed identities (“either homosexual or heterosexual”, “bisexuals are at most homosexuals who do not assume to be such”) and unchangeable. In other words, “a heterosexual man would not get excited and/or would have an orgasm in sexual intercourse with another man”. This “essentialization” is denounced and dismantled by the sex business – where in a capitalist society such as ours the monetary desire has enough strength to mobilize the psychological one and “pruuu”: to give lover boys a hard-on and be ready for the battle.

KEY WORDS: virile prostitution, desire, pleasure and sexual excitement

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar os sentidos do desejo, do prazer e da excitação sexual entre homens que prestam serviços sexuais comerciais a outros homens na cidade do Recife. Ele insere-se num campo de discussões teóricas que começou a ganhar expressão na década de 1980 com a efervescência das investigações sobre sexualidade, promovida pela entrada da AIDS como objeto de investigação científica. Essas perspectivas se fundaram em um princípio epistemológico construcionista, onde as posições de gênero, as orientações sexuais e as identidades sexuais passaram a ser pensadas como resultantes de processos sócio-históricos, em oposição ao modelo biomédico que vigorava até então (COSTA, 1999).

Elegendo como campo investigativo a prostituição masculina do centro urbano do Recife, além das contribuições propriamente teóricas sobre a questão da excitação sexual, este trabalho tenciona ampliar o conhecimento sobre a michetagem<sup>1</sup>. Tal intuito se justifica pelo fato de que, especificamente no território pernambucano, os caminhos da prostituição viril (PERLONGHER, 1987) tendem a se apresentar ainda de forma nebulosa (SOUZA NETO, 2009). Nesse sentido, o desafio consistirá em compreender desejo, prazer e excitação sexual sem fazer uso da cisão corpo anatomia e corpo social. Para tanto, optei pelo não uso do expediente do determinismo biológico, sem, contudo, provocar prejuízo à dimensão subjetiva e aos aspectos socioculturais e, muito menos, me colocar em movimento contrário, situando o princípio do construcionismo social hard<sup>2</sup> num lugar de destaque, para não incorrer no risco de “apagar” o corpo da análise.

Acredito que há algo interessante a se pensar sobre o fato de o prazer e de o desejo não acontecerem em um vácuo, uma vez que existem marcadores materiais e concretos sobre os quais as normas de gênero e de sexo são

---

<sup>1</sup> Michetagem: nome dado ao exercício da prostituição realizada por homens.

<sup>2</sup> Construcionismo social hard: princípio que encontra na perspectiva teórica da construção social resposta para todos os questionamentos e que, por assim ser, por vezes incorre em “apagar” o corpo da análise.

aplicadas. Em outras palavras, existem limites materiais à construção, evidenciando, ao que me parece, que um dos desafios para os estudos em sexualidade consistirá em como retomar o corpo para a análise sem essencializá-lo.

Nessa perspectiva, me lancei ao campo no intuito de perceber e compreender como se dá a dinâmica da prostituição viril no Recife, e como os corpos dos anunciantes da michetagem são por eles mesmos significados e modelados no contexto do mercado homoerótico.

A princípio, minha inserção no campo se deu numa região conhecida como “quarteirão da prostituição homossexual masculina”, localizada no centro do Recife. Aqui me refiro ao trecho urbano que compreende a Av. Conde da Boa Vista, Rua da Soledade, Rua Oliveira Lima, Rua do Riachuelo, Rua Gervásio Pires e Corredor do Bispo, perímetro do bairro da Boa Vista onde se encontram instalados 1 cinema-bar, 1 sauna popular, 1 cine-thermas, 1 boate, 2 bares, 1 pousada e 1 sex-shop, entre outros estabelecimentos comerciais destinados ao público homossexual. Tal perímetro mostra-se, ainda, acrescido do comércio informal local, formado por um conjunto de barracas e “carrocinhas” que vendem pastéis e “cachorro quente” e que servem como espaços de apoio logístico aos michês.



Praça do Riachuelo) e imediações, sobretudo no cruzamento da Rua do Riachuelo com a Rua Gervásio Pires, e na extensão da Rua Corredor do Bispo. Em termos geográficos, esse subterritório forma um triângulo geometricamente perfeito, que aqui passo a denominar “triângulo das bermudas”, em referência direta à principal indumentária dos michês que atuam em tais ruas.

Dentro desse trecho, fui apresentado por um amigo a Lucas, michê responsável por um dos pontos de prostituição na região, que veio a se tornar um dos meus principais informantes e possibilitou, inclusive, o acesso aos demais michês que lá frequentavam. Essa espécie de “permissão de entrada” favoreceu em muito minha circulação pelos espaços e pontos de prostituição, possibilitando, ao longo de minha pesquisa, o contato direto com uma média de quinze michês que atuam em tal região. Assim, mediante conversas informais que se deram tanto no interior desses estabelecimentos comerciais formais quanto nas mesas dos bares e barracas da praça, que envolveram tanto os michês quanto clientes, comerciantes e funcionários, iniciei minha coleta de dados.

Nesse sentido, destaco que, alinhada aos objetivos deste estudo, a coleta de dados abrangeu duas frentes: 1) a observação participante, que me possibilitou identificar a dinâmica da michetagem na cidade do Recife; e 2) entrevistas semiestruturadas com foco biográfico, objetivando a reconstituição e a identificação de categorias nativas relacionadas ao prazer e à excitação sexual na perspectiva dos sujeitos, bem como revelar suas histórias de vida sexual, cuja ocorrência se ambas se deu entre os meses de maio a novembro de 2009.

A composição da amostra, orientada pelos princípios da saturação teórica (MARRE, 1991), resultou tanto da observação participante como das entrevistas realizadas com sete homens jovens, michês, na faixa etária entre 18 e 27 anos. Gravadas em MP4, duas dessas entrevistas ocorreram em saunas localizadas fora deste perímetro, uma em um bar das imediações e quatro nas ruas da região supracitada.

Quanto ao modelo de análise, optei pelo interpretativo da “dupla hermenêutica” (GIDDENS, 1984). Conforme Rios (2004), este permite

desvelar os sentidos que os próprios sujeitos constroem a partir de suas ações, balizado com o sentido que os analistas, munidos de seus referenciais teórico-metodológico, constroem em relação às ações e interpretações dos seus interlocutores (cf. também GEERTZ, 1987 E 1998).

Observados também foram os aspectos éticos, de acordo com as normas de pesquisa envolvendo seres humanos – Res. CNS 196/96, considerando a capacidade civil dos próprios voluntários e interessados em colaborar com a pesquisa para dar o seu consentimento livre e esclarecido. Em relação às entrevistas semiestruturadas, garantiu-se aos sujeitos investigados o direito de acesso a informações sobre a pesquisa, às quais subsidiaram a livre escolha de participação. O sigilo quanto à identidade dos participantes foi inteiramente preservado, não envolvendo riscos ou danos aos sujeitos.

Como forma de organização, estabeleci a apresentação dos conteúdos analisados por meio da divisão de capítulos. Assim, no primeiro busco reconstruir a história das ciências do sexual, apontando como a questão da excitação sexual e do prazer sexual é discutida por teóricos essencialistas (psicanalistas clássicos e sexólogos modernistas) e construcionistas. Situado o campo de embates, proponho uma discussão a respeito do lugar ocupado pelo corpo no pensar da sexualidade, na expectativa de trazê-lo de volta à cena teórica construcionista.

No segundo capítulo, contextualizo o campo empírico de investigação para revelar como ele configurando um desenho inusitado e, por vezes, sinuoso, há pouco conhecido. Além de retomar os princípios metodológicos que orientam esta dissertação, apresento os cenários e sujeitos com que deparei durante as inserções nos espaços e áreas de prostituição e, ainda, como se dão as interlocuções entre estes. Para tanto, julguei necessário considerar a dinâmica do exercício da prostituição viril<sup>3</sup> em espaços de domínio público e privado para observar a logística destes na teia do mercado homoerótico dentro do território investigado. Nesse cenário, certas situações que não dizem necessariamente respeito aos meus objetivos aparecerão

---

<sup>3</sup> Prostituição viril: expressão utilizada por Perlongher (1987) para referir-se àquela modalidade de prostituição executada por homens que representam o estereótipo masculino do homem másculo.

descritas por emergirem do campo com tamanha força que se mostraram dignas de registro. Assim, em alguns momentos descrevo a vida sexual dos sujeitos investigados a partir da metáfora dos scripts. Fundamentando-me na perspectiva de certa “roteirização” que observei nos estudos sobre sexualidade, recorro aos pressupostos de Gagnon (2006) para interpretar os roteiros sexuais como projetos cognitivos que permitem organizar e vincular o que pensam e o que fazem as pessoas e, ainda, como elas são afetadas pelo contexto sociocultural em que vivem.

O terceiro capítulo busca estabelecer uma análise a partir das observações advindas da ocasião do campo que revelam quais técnicas de excitação são utilizadas pelos michês para a modelagem dos corpos e das almas, como diria Foucault (1988), no negócio do michê no Recife. Nesse contexto, duas delas surgem de forma mais recorrente: o exercício mental e a modelagem dos corpos para o orgasmo, que, de forma imbricada, dizem de uma dinâmica que sinaliza suas influências no processo de excitação e no estabelecimento de uma espécie de *modus operandi* dos executores dessa modalidade de prostituição nas regiões investigadas.

Nas considerações finais, estabeleço uma revisão do presente estudo, pontuando os aspectos mais relevantes para a análise a que me propus sobre o desejo, a excitação e o prazer entre os boys de programa com práticas homossexuais no Recife.

Por fim, quanto ao universo da pesquisa considero importante destacar que, durante os dois anos que envolveram minha pesquisa e que estive envolvido no universo da prostituição masculina do Recife, percebi que estabelecer contato com essa modalidade da prostituição foi, e ainda é, uma tarefa árdua, porém interessante e reveladora no sentido de entender: quem são esses sujeitos? Onde estão? Como encontrá-los? Como abordá-los? E, o mais intrigante: como vivenciam suas sexualidades e significam os sentidos do prazer e da excitação sexual no exercício da prostituição viril, objetivo principal deste estudo.



## CAPÍTULO 1 – CONSTRUCIONISMO SOCIAL DA SEXUALIDADE

Para melhor reconhecer a ruptura epistemológica trazida por autores como Gagnon (2006), Foucault (1988), Weeks (1985) e Rubin (1993 e 1998), por exemplo, é preciso também reconhecer outras duas rupturas epistemológicas no trato teórico sobre a sexualidade, que se organizou frente ao modelo vitoriano (também essencialista) que negativava práticas sexuais não-reprodutivas, seja do ponto de vista do objeto ou objetivo sexual, seja ainda do ponto de vista das fases da vida, destacadas pelos modernistas do sexo e pela psicanálise (FOUCAULT, 1988 e ROBINSON, 1977).

É Ellis (1933:2) - o primeiro modernista do sexo sobre o qual voltaremos a discutir em profundidade mais adiante - quem vai melhor desenvolver para o campo da sexualidade a noção de instinto (sexual). Ele a define, a partir dos estudos do doutor e senhora Peckhan (In. ELLIS, 1933) sobre o comportamento das vespas, como um conjunto de ações complexas realizadas antes da experiência e, de uma maneira similar, por todos os membros de um mesmo sexo e de uma mesma raça, sem levar em conta a questão não essencial, ou seja, se essas ações são conscientes ou não. Nesse sentido, ressalta que o instinto é constituído por quatro partes:

- 1) as determinações interiores que fazem nascer a pulsão;
- 2) os estímulos exteriores que, associados à pulsão, estimulam nos corpos os centros nervosos;
- 3) as respostas ativas devido às descargas coordenadas para o exterior;
- 4) e a determinação dos órgãos que estão implicados na ação e afetam, depois, o sistema nervoso. (cf. ELLIS, 1933).

Destas, contudo, as duas primeiras parecem manter relação mais estreita com a noção de instinto sexual. Enquanto uma se refere à origem das pulsões que sinaliza a atenção para a dimensão orgânica dos sujeitos, que o autor chama de determinações interiores a outra se refere ao contexto da interação quando se remete aos estímulos exteriores, sobretudo a dinâmica

entre elas. Observe-se que as dimensões subjetivas e culturais, que poderiam facilmente substituir os termos orgânico e a interação, não aparecem no modelo proposto por Ellis (1993). É justamente esse amarrado conceitual focado num organismo que se constitui em detrimento do sociocultural que dá, na teoria do instinto, um caráter de permanência essencial para a vida sexual.

Essa noção de instinto sexual será cara aos psicanalistas e sexólogos, por passarem a descrevê-la de diferentes modos, mas sem nunca, inteiramente, se afastarem de seu sentido original: haverá um quê de orgânico de um lado e um quê de estímulo de outro que, no conjunto, levam ao comportamento sexual.

Talvez seja justamente aí, na categoria 'instinto sexual', que resida o núcleo duro das teorias sexuais quando categorizadas como essencialistas. Nesse sentido, vale apresentar rapidamente como autores comumente categorizados, tratando a sexualidade a partir de premissas essencialistas, abordaram a excitação e o prazer sexual para, em seguida, trazer as críticas dos construcionistas sobre estes. Do mesmo modo, considero importante destacar as lacunas nas teorias construcionistas sobre os temas, às quais retomaremos em capítulos posteriores desta dissertação. Assim, inicio minha revisão pela psicanálise, por estar mais próxima da psicologia e orientar muitas de suas abordagens.

### **1.1. A Sexualidade e a Psicanálise**

Quando falamos dos estudos clássicos sobre a sexualidade humana, não podemos desconsiderar as contribuições advindas da psicanálise e, em especial das investigações de Freud (1924), que resultaram nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Todavia, a existência de um saber anterior a esse se fez e, de certa forma, ainda se faz presente na ciência do sexo. Segundo Valas (1990), anterior aos estudos de Freud sobre a sexualidade foi o postulado da atração natural entre os sexos opostos que dominou a

compreensão sobre a sexualidade humana “benigna” até o final do século XIX. Nesse sentido, qualquer comportamento sexual que desviasse da heteronorma (RUBIN, 1993 e BUTLER, 1999) seria entendido como aberração ou perversão do instinto sexual.

É fato que Freud (1924) consegue dar um salto qualitativo no teor das discussões sobre a natureza da sexualidade humana, ao trazer outros elementos para uma discussão que vai além da supremacia do materialismo anátomo-fisiológico. Comparando os “pervertidos” com os neuróticos, por exemplo, observa que os desejos sexuais “desviantes” também se fazem presentes nestes. Contudo, esses desejos não se realizarão na prática, uma vez que suas ocorrências se darão apenas mediante sintomas, sonhos e atos falhos.

Duas grandes contribuições, que se opuseram ao modelo vitoriano vigente da época, demonstram justamente que no caso da sexualidade humana tanto o objeto quanto o objetivo sexual variam, sendo a heterossexualidade apenas uma das formas de se vivenciar a sexualidade. E isso pode ser observado em adultos, mas também em crianças. Em verdade, para Freud (1924) é na infância que se dá a organização do que virá a ser a sexualidade adulta, fato renegado pelos estudiosos da época:

[...] É digno de nota que os autores que se preocupam do entendimento das propriedades e reações do indivíduo adulto tenham prestado muito mais atenção à fase pré-histórica representada pela vida dos antepassados – ou seja, atribuído uma influência muito maior à hereditariedade – do que a outra fase pré-histórica, aquela que se dá na existência individual da pessoa, a saber, a infância (FREUD, 1949:106).

Freud (1949) explica dessa forma que a sexualidade infantil encontra na função fisiológica essencial a necessidade, no autoerotismo e na atividade da zona erógena, correspondente à pulsão que objetiva a busca de satisfação que repetirá de modo semelhante, outrora experimentado, as características

fundamentais para sua constituição e entendimento da sexualidade. Segue, então, em seu raciocínio, afirmando que:

[...] Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período de vida designado da puberdade. Mas esse erro não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves conseqüências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual. Um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes (FREUD, 1949:105).

Salienta ainda que as zonas erógenas se ligam de maneira mais marcante a certas partes do corpo, entre as quais o ânus, a boca e os órgãos sexuais. No entanto, destaca que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa poderá tomar a seu encargo as funções de zonas erógenas, desde que apresente certa aptidão, postulando que será a qualidade do estímulo, muito mais que a natureza das partes do corpo, que produzirão sensações prazerosas (FREUD, 1949:111).

Para Valas (1990), é da sexualidade infantil que também emergirá outro aspecto interessante para a compreensão dos desejos sexuais “desviantes”: a disposição perverso-polimorfa. Assim, a criança, por ainda não ter sido marcada pela influencia da civilização, a ponto de ter incorporado os valores e regras do grupo do qual pertence, quando seduzida seria levada a realizar todo tipo de “transgressões”. No entanto, Freud (1949) alerta para o fato de que a disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil não deve ser confundida com a perversão no adulto, porém o entendimento a esse respeito seria útil à sua compreensão da organização sexual.

No primeiro ensaio sobre a teoria da sexualidade, no qual o tema versa sobre as aberrações sexuais, Freud (1924) conclui que a disposição para a perversão não é alguma coisa rara e excepcional, mas é parte integrante da constituição normal (cf. VALAS, 1990). Salienta que a noção de pulsão sexual

será definida como representante psíquico de uma fonte contínua de excitação proveniente do interior do organismo. Essa pulsão, portanto, estará no limite entre os domínios psíquico e físico, tendo o objetivo imediato de apaziguar a excitação, bem como a satisfação obtida em nível da zona erógena. Assim, no âmbito da constituição normal da sexualidade, diria que para a psicanálise existe certo deslocamento do instinto sexual para a pulsão, que serve à ampliação dos limites da normalidade ou a patologização dos supostamente normais.

Sendo assim, percebo que na psicanálise a relação entre desejo/excitação/prazer se faz pela pulsão que, por ter objetos e objetivos variados, encontra em sua ontogênese, ainda na infância, a organização dos regimes pulsionais informando desejos. Desejos esses que geram excitação e quando realizados geram prazer. No entanto, vale salientar que os interditos da cultura (sob a batuta do superego) impedem a realização consciente de determinados regimes pulsionais, que são realizados, ainda que parcialmente, por formações de compromisso (sonhos, sintomas e atos falhos), como no caso dos neuróticos.

No segundo ensaio, destinado à compreensão da sexualidade infantil, Freud (1924) pontua que a instauração difásica do desenvolvimento sexual humano permite reconhecer que a sexualidade infantil constitui a matriz original da sexualidade adulta, e que a disposição perverso-polimorfa de tendência autoerótica identificada nas crianças, não se constitui perversão. No último ensaio, ele considera que a puberdade se apresenta como fase do desenvolvimento humano, onde afloram as transformações que possibilitaram ao sujeito levar sua vida sexual infantil à sua forma definitiva e normal em sua vida adulta. Assim, postula que a constituição inata da sexualidade humana, isoladamente, não pode dar conta do surgimento dos distúrbios.

Apesar de presente nas investigações de Freud (1924), a perspectiva normativa da sexualidade não inviabiliza a existência de um movimento que parece apontar para um entendimento menos naturalizante da sexualidade humana. Especialmente quando apresenta argumentos que, no meu entender, se esforçam em localizar as perversões num campo mais próximo de uma dita

“normalidade”. Entre outros aspectos relevantes que podem influir no desenvolvimento da sexualidade de um sujeito, a influência do meio, por ele denominado fatores externos, parece se destacar como determinante no desencadear das perversões. O fator inato torna-se então insuficiente para explicar os distúrbios, uma vez que o que se deve considerar para a explicação do fenômeno seria a elaboração ulterior e, a partir dessa mesma constituição, a adoção de uma postura conseqüentemente mais afastada da ideia do desvio (FREUD, 1924).

## **1.2. A Sexualidade e os Sexólogos**

Segundo Robinson (1977), tanto o modernismo sexual quanto a psicanálise representaram uma reação ao vitorianismo – tradição sexual dominante no século XIX. Assim, os sexólogos que encabeçaram o movimento modernista, dentre os quais destacaremos na sequência os trabalhos de Ellis, Kinsey e Master & Johnson (In. ROBINSON, 1977), sustentaram a ideia de que a experiência sexual não era uma ameaça à moral, e muito menos desperdício de energia, como se compreendia no passado. Ao contrário, tais autores a consideraram uma atividade humana proveitosa, porém às vezes precária, mas que se corretamente orientada se tornaria essencial e fundamental ao bem-estar individual e social.

Segundo Robinson (1977), os modernistas buscaram ampliar os limites do legítimo comportamento sexual, por meio das investigações e justificativas para as formas de sexualidade aparentemente desviadas, que os vitorianos com suas práticas exclusivas da relação genital e heterossexual entre adultos relutavam em reconhecer. Esses modernistas estabeleceram um cenário que reuniu esforços no intuito de romper com o modelo de compreensão vitoriana sobre a sexualidade humana. Nesse contexto, tendo a considerar que sua instabilidade, bem como seu momento de transição, que por vezes rompeu e por outras recaiu sobre os mesmos princípios que o orientavam, não invalida

sua precisão e importância, e sim enfatizam o caráter dinâmico do modernismo sexual.

#### **a) Os Postulados de Henry Haverlock Ellis**

Apesar da influência notória dos estudos de Freud sobre a sexualidade, é nas investigações de Ellis (In: ROBINSON, 1977) onde reside uma ampla e representativa contribuição para o modernismo sexual. Essa contribuição serviu de referência às teorias sexuais subsequentes, operadas pelos sexólogos Kinsey e Masters & Johnson (In: ROBINSON, 1977), no desenvolvimento e consolidação da ciência do sexo.

Como já apontei acima, é Ellis (1933) quem vai melhor incorporar no campo de estudos da sexualidade o modelo instintual da biologia; trazendo a noção de padrões herdados e orientadores da ação para o entendimento do comportamento sexual. A partir dessa afirmação do comportamento sexual na biologia dos seres, Ellis e seus continuadores conseguirão ampliar o campo do considerado normal, retirando o julgamento sobre o comportamento sexual do âmbito de uma moral (contingente) para um padrão instintivo universal. De outro modo, se um comportamento sexual era observado com regularidade ele precisava ser explicado pela biologia dos seres humanos e não como uma queda moral do sujeito individual que o realizava.

Nessa linha, Robinson (1977) destaca que, na obra *Studies in the psychology of sex* (1897-1910), Ellis apresentou uma série de argumentos a fim de ampliar o foco da discussão e da compreensão sobre o universo sexual, que objetivaram, entre outros aspectos, proporcionar um “novo” entendimento sobre a homossexualidade. Assim, o autor introduziu em seus estudos uma discussão que buscava a não-identificação da homossexualidade como doença, fundamentando seu entendimento na argumentação do comportamento animal, no relativismo cultural e na natureza congênita da “inversão”.

Nesse sentido, Ellis torna-se um dos precursores de um movimento acadêmico que revelaria a preocupação em estudar as perturbações sexuais localizando-as dentro do espectro da normalidade sexual. Seus estudos sobre a sexualidade feminina, por exemplo, se destacam pelo mérito de retirar a mulher de um lugar de invisibilidade científica. Sua colaboração nos estudos sobre a sexualidade humana por meio da elaboração da teoria das zonas erógenas tornou-se de extrema importância para a sexualidade moderna. Principalmente por versar sobre a identificação de certas partes do corpo, especificamente suas entradas e saídas, que funcionam como centros peculiares de sensibilidade sexual (ROBINSON,1977). Contudo, torna-se curioso pensar que em sua concepção essas partes sensíveis dos corpos, nomeadas de zonas erógenas, seriam exclusivamente um atributo feminino e que a sensibilidade erótica nos homens estaria restrita ao pênis.

[...] Nas mulheres, ao contrário, inúmeras áreas não genitais, sobretudo os seios, participam na excitação sexual, e esta maior difusão da sensibilidade erótica denotava, mais uma vez, que o estímulo era, para a mulher, um processo mais lento e apurado do que para o homem (ROBINSON, 1977: 30-31).

Em que pese às críticas a respeito do obscurantismo dos estudos de Ellis quando comparados aos de Freud, ressalto seu esforço em examinar a sexualidade de forma sistematizada e teórica. Um dos pontos relevantes consistiu na referência direta às noções de tumescência e detumescência, que, ao figurar como hipótese de uma economia sexual semelhante à maleabilidade da noção freudiana da libido, diz literalmente, da congestão e da descongestão vasculares que acompanham o orgasmo. Para ele, essas noções explicariam o processo de excitação e descarga sexuais, uma vez que a tumescência faria referência à “acumulação” de energia sexual durante a excitação, e a detumescência, à “descarga” dessa mesma energia na ocasião do orgasmo. Por fim, destaco a nítida contribuição e influência das investigações de Haverllock Ellis sobre a sexualidade humana nos estudos de Sigmund Freud, salientando que as semelhanças, diferenças e, sobretudo, discordâncias fundamentaram o terreno para a sustentabilidade da modernização do sexo.



## **b) Os Postulados de Alfred Kinsey**

Sob o rótulo de empirista, Kinsey, apesar de não apresentar um pensamento refinado como o de Freud e Ellis, é sem dúvida o teórico moderno que mais projeção trouxe aos estudos sobre a sexualidade humana (ROBINSON,1977). Podemos afirmar que tal projeção se deu por meio dos projetos *Sexual behavior in the humam male (1948)* e *Sexual behavior in the humam female (1953)*, conhecidos no meio acadêmico como os Relatórios Kinsey, estudos que, apesar de serem alvo de críticas ferrenhas, ainda hoje servem de referência quando o objeto de investigação nos remete ao campo do comportamento sexual.

É Kinsey quem inicia uma forma de investigar a sexualidade marcada pela elaboração e utilização de todo um aparato tecnológico e metodológico capaz de mensurar o comportamento sexual humano. Fundado na ideia de que um dos princípios da natureza (biológica) é a variação, e retirado de suas constatações com as vespas, seus estudos contribuíram mais expressivamente em três esferas: (a) implantação de uma atitude mais tolerante sobre a homossexualidade, (b) na sugestão de que os atos homossexuais são extremamente comuns, e (c) no fato de a homossexualidade existir, em potencial, em todas as pessoas. Conforme Robinson (1977), o autor sugere ao mundo acadêmico e à sociedade o conceito e conseqüentemente, o entendimento sobre o fato de que “todos somos bissexuais, é apenas uma questão de grau”. Dessa forma, percebe-se também sua influência na crescente tolerância às atividades sexuais dos jovens, especialmente dos jovens solteiros, assim como, a atenção destinada ao sistema de referência em que se observam suas experiências sexuais.

## **c) Os Postulados de William Masters e Virginia Johnson**

Com Masters e Johnson, o repertório tecnológico a favor das investigações sobre a sexualidade, inaugurado por Kinsey, é fortalecido de

maneira substancial. A sexualidade feminina recebe o reconhecimento que outrora não havia recebido, e suas teorias passam a sugerir uma nítida impressão de que as mulheres são sexualmente mais fortes que os homens, retirando-as da sombra da sexualidade masculina.

O diferencial de suas investigações, reconhecido como um dos mais originais e atraentes refere-se à atenção destinada à sexualidade geriátrica, cuja temática aqui faço apenas referência, sem me deter a uma reflexão mais cuidadosa. Outra característica progressista foi a complementação da revolução autoerótica iniciada por Ellis, por meio da defesa da teoria modernista da masturbação. Contudo, saliento que entre os elementos por eles apresentados o que parece mais precioso aos meus estudos concentra-se na teoria das quatro fases da reação sexual humana.

Apesar de Masters e Johnson terem sido constantemente alvos de grandes questionamentos, tanto no que se refere aos argumentos que fundamentaram suas teorias quanto sobre a estilística nebulosa e, por vezes, controvertida de seus textos, resolvi recorrer à teoria que entre os sexólogos modernos parece ser a que mais se aproxima da compreensão do ciclo sexual humano. Nesse sentido, eles argumentam que tanto para as mulheres quanto para os homens o “ciclo” sexual se dividiria em quatro fases: (a) excitação, (b) platô, (c) orgásmica e (d) resolução respectivamente ciclo esse que pode ser interpretado como uma espécie de refinamento da divisão do processo sexual proposto por Ellis por meio da tumescência e detumescência. Dessa forma, na teoria de Masters e Johnson as fases de excitação e platô corresponderiam à tumescência, enquanto a fase orgásmica e a de resolução à detumescência.

Segundo os autores, as quatro fases se apresentariam numa sequência lógica, podendo ser facilmente identificadas. A fase de excitação refere-se à existência de uma etapa inicial de excitação sexual que parte dos primeiros impulsos sexuais até a plena ereção ou lubrificação total da vagina. Na sequência, surge um período, mais ou menos prolongado, onde a excitação alcança um nível elevado, mas sem ainda atingir a ejaculação, ou seja, a fase de platô. As fases que se seguem, a orgásmica e a resolução, se fazem

compreender, sobretudo no caso dos homens, como uma espécie de período refratário que se dá após o orgasmo.

Porém, relativo à fase orgásmica, conforme crítica de Robinson (1977), os autores se resumem a citá-la usando de explicações pouco esclarecedoras acerca de sua distinção, quando comparada à fase de resolução. Nesse aspecto, ainda seguindo Robinson (1977) verifica-se que um dos problemas substanciais de tal teoria reside em como situar e, sobretudo, como justificar a linha divisória entre as fases de excitação e de platô, a qual se sugere que nesse momento certa definição subjetiva ou psicológica se fará útil e necessária a explicação.

[...] poder-se-ia alegar que a distinção se baseia na experiência subjetiva – que a fase platô é percebida pelo indivíduo de um modo bem diferente da fase de excitação, tal como, a de resolução lhe parece diferente da fase do orgasmo (ROBINSON, 1977: 151).

Em consonância, acredito que o princípio da subjetividade como elemento analítico, mostra-se suficientemente consistente para explicar o ciclo da sexualidade, especialmente no que diz respeito à fase de platô. Porém, o problema em definir subjetivamente a fase platô consistiria em que nenhuma definição seria suficientemente exata para alcançar uma satisfatória finalidade científica.

Mesmo admitindo que a maioria das pessoas possa reconhecer aquele nível de elevada tensão sexual considerado profundamente agradável [...] seria pouco sensato tentar converter tal sensação numa categoria analítica (ROBINSON, 1977:152).

Diante do impasse, Robinson (1977) alega que os autores encontram nas ocorrências fisiológicas objetivas a resposta para tal distinção. Porém, percebo que tal argumento, o da busca por ocorrências fisiológicas objetivas, no caso do ciclo da sexualidade, parece alinhado aos elementos que fundamentam às investigações de Masters e Johnson. A postura positivista dos

mesmos torna-se clara quando revelam certa simpatia por trilhar um caminho que busca respostas numa perspectiva anátomo-fisiológica dos corpos. Essa simpatia se transforma numa constante preocupação, para não dizer obsessão, com a mensuração das práticas sexuais humanas como medidas que serviriam para observar, comparar e registrar os corpos durante práticas sexuais. Essas mensurações estendiam-se ainda à intensidade e velocidade da respiração, bem como cor, textura e diâmetro dos órgãos sexuais, além da quantidade e coloração das secreções deles advindas.

É perceptível em seus estudos certa tendência a estabelecer analogias entre a experiência sexual feminina e masculina. O próprio esquema das quatro fases da teoria sexual serve a esse propósito, supondo que homens e mulheres são sexualmente semelhantes, uma vez que o processo sexual em ambos torna-se compreendido a partir do referido esquema. No entanto, a postulação de que tal ciclo aplicar-se-ia aos dois sexos revelou-se como principal ponto de críticas. Robinson (1977) argumenta que o ciclo sexual, assim como é apresentado, foi pensado especificamente na perspectiva da sexualidade feminina, mostrando-se inteiramente inadequada quando pensada no âmbito da sexualidade masculina.

[...] pelo que diz respeito ao homem, portanto, o esquema das quatro fases mostra-se inteiramente inadequado, dando apenas a impressão de precisão científica onde nada existe. Por ironia, a doutrina de Havelock Ellis da tumescência e detumescência, embora mais geral, revela-se uma abstração mais apropriada e muito menos pretenciosa, uma vez que admite serem estes fenômenos ora cumulativos, ora súbitos e evanescentes, ao invés de impor complexas categorias que não correspondem a nenhum deles (ROBINSON, 1977:154).

Quanto às reações sexuais masculinas, no tocante às fases de excitação e platô, ele analisa que estas não apresentam os mesmos contornos que outrora Masters e Johnson sinalizavam:

[...] em vez disso, o que se encontra é um conjunto de reações que começam com a chamada fase de excitação e atingem a fase platô. Ou, alternativamente, observam-se reações que ocorrem no final da fase platô e que seriam mais exatamente descritas como 'pré-ejaculatórias' (ROBINSON, 1977:153).

Dentre essas reações surge curiosamente a atenção destinada aos movimentos dos testículos, cuja função, entre outros aspectos, seria, também, a de evidenciar padrões específicos de reação durante as quatro fases do ciclo de resposta sexual, como também as alterações no pênis pouco antes do orgasmo. Assim, o pênis, que aparentemente teria atingido total ereção durante a fase de excitação, sofreria uma pequena expansão vaso congestiva involuntária ao aproximar-se da fase orgásmica ou ejaculatória. Essa tumescência adicional da fase platô restringiria-se principalmente às glândulas coronais da glande do pênis, podendo também ocorrer uma mudança de cor no final da fase platô do ciclo sexual (ROBINSON, 1977:153-154).

Destaco que, apesar das críticas, ainda hoje esse esquema das fases do ciclo sexual apresentado por Masters e Johnson é utilizado pelos sexólogos para entender tanto a sexualidade saudável como também as disfunções sexuais. Nesses termos, os autores parecem fazer referência ao indiferenciado "subjetivo" para completar as lacunas de suas teorias. No tocante ao prazer, este me parece que é encarado por eles, talvez não pelo espectro do indiferenciado subjetivo, mas sim pela lógica da simplificação que parece reduzir prazer à excitação.

#### **d) Avanços e Retrocessos Teóricos**

Entre avanços e retrocessos, observo que os teóricos apresentados concentraram esforços no sentido de elaborar toda uma tecnologia do sexo e, conseqüentemente, do prazer e da excitação sexual, buscando inaugurar, nem sempre exitosamente, outra forma de compreensão para as ciências do sexual.

Esse fato se torna claro quando identificamos, ainda nos estudos de Ellis, um movimento que busca positivar formas de prazer e destina atenção a

temas marginais no campo da sexualidade humana, como a masturbação e a sexualidade feminina; como também em Kinsey que ao estabelecer, por meio de escalas, as formas de mensurar o comportamento sexual dos homossexuais e heterossexuais, tentava revelar as diferentes facetas da sexualidade humana e, sobretudo, em Masters e Johnson que apresentaram especial interesse pelo estudo da curva do orgasmo e as tecnologias do sexo e do prazer.

Nessa breve exposição, é possível perceber o quanto a supremacia do corpo anatomo-fisiológico se fez presente no cerne das investigações desses teóricos modernistas. Mesmo diante dos seus esforços em romper com o modelo heteronormativo que vigorava até então, percebe-se, um movimento pendular que ao tentar romper, por vezes recai no modelo questionado. Tanto as abordagens sexológicas clássicas, fortemente orientadas pela ciência biomédica, quanto à psicanálise, ao encontrarem-se focadas numa sexualidade universal remetida à essência biológica ou pulsional, não conseguem dar conta das questões colocadas em pauta pelo advento da AIDS, ainda no início dos anos oitenta.

Surge, nesse momento, um saber que emerge a partir do espectro das ciências sociais, por intermédio das investigações conduzidas por autores considerados marginais por dedicarem tempo e empenho a reflexões cujo foco reside, dentre outros, em temáticas que versam sobre direitos sexuais e reprodutivos, homossexualidades ou lesbiandade, ganhando, dessa forma, espaço e, conseqüentemente, reconhecimento e notoriedade (VANCE, 1995).

Sendo assim, não diria que esse seria o elemento surpresa, e de fato assim não posso chamá-lo, uma vez que o próprio Freud (1924), quando do argumento explicativo sobre as instâncias da personalidade, diz de sua existência quando apresenta o superego, assim como, outros autores já haviam sinalizado sua relevância. Todavia, a introdução das ciências sociais no âmbito das discussões sobre AIDS sinaliza, sobretudo, a importância do elemento cultura, que ao ser ressignificado aqui assume outros contornos.

O que parece ser ponto em comum no movimento pendular, que ora aponta para as reflexões advindas do âmbito dos sexólogos clássicos e da teoria psicanalítica e hora, para a perspectiva vitoriana, é o fato de que é dessa

perspectiva que advém a matéria-prima para o pensamento dos construcionistas, que encontram eco nos esforços dos sexólogos e da psicanálise para questionar o que os vitorianos consideram naturalmente dado.

### **1.3. A Teoria Construcionista**

Não pretendo aqui recuperar nenhuma teoria construcionista específica, mas apenas remeter os leitores para alguns clássicos desse paradigma teórico (BERGER, 1973; FARR, 1998 e HACKING, 1999). Pretendo aprofundar algumas tensões que atravessam as diferentes teorias que se dizem construcionistas.

Vance (1989) sugere que devemos reconhecer que muitas vezes também os cientistas sociais, ainda que digam fundar suas abordagens teóricas no princípio da construção social da sexualidade, têm, muitas vezes, criado um pensar a respeito da sexualidade em caminhos fortemente essencialistas. Destaca que media esse essencialismo latente entre construcionistas, a partir de três grandes dificuldades teóricas: (1) os níveis de teoria da construção social; (2) a instabilidade da sexualidade como categoria; e (3) o papel do corpo, item ao qual nos deteremos com maior atenção.

No tocante aos níveis teóricos da construção social, nos chama a atenção para o fato de que devemos evitar usar 'construção social' tal como um caminho indiferenciado, sugerindo a necessidade de sermos claros sobre o que imaginamos ser construído. Ela observa que não há acordos tácitos entre os diferentes teóricos sobre o que é construído. Para alguns o instinto sexual resiste intocado, sendo construído apenas o modo como realizá-lo. Essa construção pode ser apenas no que tange à apresentação de identidades. Para outros autores, até o próprio desejo é construído (VANCE, 1989).

Seguindo seu raciocínio, quando o assunto é a instabilidade da sexualidade como categoria, podemos, em linhas gerais, questionar como

autores em geral consideram como práticas sexuais aquilo que é assim considerado no âmbito da própria cultura de origem. Assim, muitos construcionistas sociais assumem, talvez pela busca da “tranquilidade” de critérios mais concretos, que comportamentos e relações físicas específicas, geralmente inerentes às partes genitais do corpo anatomo-fisiológico, são realmente entendidos como sexual, mesmo se eles ocorram em diferentes regiões, períodos históricos ou culturais.

O terceiro ponto que se articula com os dois outros, e de especial interesse para a construção dos objetivos dessa dissertação, é o lugar do corpo nas teorias sobre sexualidade. O grande problema, nesse caso, reside em trabalhar com a dialética natureza/cultura que atravessa, não só as teorias sobre sexualidade, mas, mais amplamente, as teorias nas Ciências Humanas. Nesse sentido, a autora aponta para a existência de uma cisão fundante do teorizar sobre os fenômenos humanos, expressa no binômio corpo/cultura. Talvez essa cisão, analiticamente, seja insuperável, mas a questão será como fazer dialogar essas duas dimensões humanas para termos análises mais esclarecedoras. Dessa forma, em consonância com Vance (1989) observo que, no afã de problematizar (e libertar) categorias sociais-sexuais do essencialismo (ideológico) que as localiza e subjuga, os teóricos deixam de discutir as dimensões orgânicas dos fenômenos sexuais.

Parece claro, então, que o incômodo experimentado por essa “escapulida do corpo” tem origem numa perspectiva que receia perder o espaço conquistado (político e teórico) com a ênfase na construção, abdicando, portanto, da materialidade do corpo anatômico-fisiológico. Apesar de compreender a necessidade de tal feito, questiono se não seria possível explorar o binômio corpo-cultura sem a necessidade de neutralizar o primeiro, colocando-o entre parênteses.

Ao partirmos da perspectiva do prazer, seja no campo da psicanálise, por meio da teoria da sexualidade proposta por Freud; passando pelos estudos de Ellis e Kinsey até as investigações de Masters e Johnson, pude identificar o quanto essa categoria de análise encontra-se sob a égide de uma sexualidade normativa que ainda se mostra incipiente quando a ideia é romper com as barreiras do corpo anatomo-fisiológico. Seguindo Vance (1989), podemos



observar que o nó continua na área fisiológica quando se tenta rearticular excitação e prazer.

Nós pensamos sobre diferentes graus de tecidos removidos, de possíveis nervos reconstituídos sobre o clitóris, que transferem uma resposta sexual de uma zona do corpo para outra, mas esquecemos de perceber que também somos circuncidados pela cultura (VANCE, 1989).

Nesse contexto, destaco certa ocasião, em que a autora relata ter se encontrado com uma mulher sudanesa e ambas discutiam sobre a prática da circuncisão à qual as mulheres de algumas regiões da África são submetidas e sua implicação para o prazer sexual. Ela descreve que em dada altura do diálogo a sudanesa relata que, salvo as proporções, em linhas gerais, todas as mulheres também são circuncidadas, mas que, no entanto, tal procedimento ocorre de forma distinta a depender do contexto. Prossegue pontuando que o grande responsável por essa circuncisão é a cultura, e que enquanto as africanas são circuncidadas por processo cirúrgico as ocidentais assim seriam por intermédio da teoria freudiana.

A naturalização do desejo e a ruptura entre prazer (dimensão subjetiva) e excitação (dimensão corporal) revela-se clara nos estudos das ciências do sexual, ratificando a supremacia da aderência ao substrato biológico nesse campo de investigação. Tal compreensão encontra fundamento na natureza das investigações dos sexólogos modernos que, ao se esforçarem em construir toda uma tecnologia sexual, da qual surgiu um vasto repertório de escalas, instrumentos e aparelhos, dentre os quais gostaria de salientar a teoria das quatro fases da reação sexual humana (excitação, platô, orgásmica e resolução) proposta por Masters e Johnson, parecem estar mais destinados à excitação do que para o prazer.

Em relação aos construcionistas, diria eu que o nó, ou melhor, os nós, pois considero que se trata de dois, que se situam no quadripé das fases da reação sexual humana talvez sigam dois caminhos distintos: um que parece não problematizar o desejo, ao passo que o coloca como instinto, naturaliza a excitação e concebe o prazer como algo construído; e outro, que compreende

que o desejo é construído e não problematiza a excitação, sendo esta produto do prazer que se quer alcançar.

Mais uma vez, como na psicanálise e entre os sexólogos, a homossexualidade assume status privilegiado para exemplificar esses dois modelos. Para os autores construcionistas, a preocupação reside muito mais no modo como são expressas em performances de gênero ou como são aprendidas no contexto das políticas sexuais; quase nada se fala sobre os mecanismos de excitação que vão ser relegados ao desejo, que ninguém ousa tocar (sob o medo de essencializar) ou, tautologicamente, o prazer e a excitação se realizam reciprocamente.

Nas duas situações, me parece que a questão está na não-problematização da excitação. O mecanismo que emerge em ambas parece ser de origem biofisiológica, e este, por sua vez, não ser passível à problematização, visto que o que está posto pela natureza não deve, nem precisa, ser problematizado. No frigidar dos ovos, a excitação continua presa na nebulosidade do instinto, panacéia para todos os males teóricos – na falta de uma explicação propriamente científica, empiricamente embasada, a ele se recorre: Resposta programada pela natureza, embasada em intumescência/desintumescência.

Minha proposta com o estudo que aqui apresento é justamente a de avançar na problematização da excitação, procurando compreendê-la para além dos mecanismos bio-fisiológicos que a regem. Nessa medida, questiono qual a relação entre desejo sexual e excitação, entre excitação sexual e prazer sexual, e se as categorias instintos e/ou pulsão são necessárias para compreender a conduta sexual humana.

Nesse âmbito, as experiências dos boys de programa mostram-se interessantes para pensar tais questões. Alguns estudos mostram que muitos boys se dizem heterossexuais, mas conseguem a excitação necessária para executar o trabalho para os quais são pagos, ainda que o objeto da interação sexual seja um outro homem (SOUZA NETO, 2009; BRAZ, 2008 e SANTOS, 2008). Minha proposta é que, para avançar na discussão, essa categoria, excitação deve ser pensada a partir de uma psicologia cultural do corpo, cujas bases serão apresentadas no tópico a seguir.

#### 1.4. Psicologia (Cultural) do Corpo

Para avançarmos na discussão, é importante lembrar que aquilo mesmo que chamamos de corpo foi um modo que a sociedade ocidental se utilizou para falar da modalidade de experiência física dos atores com e no mundo. Rios (2004) argumenta que o próprio termo sofre inevitavelmente as marcas da sociedade que o produz. Assim, o que se define como corpo pode ser entendido como:

[...] ferramenta e invólucro de uma mente/razão; instrumento de labor; integrante dos arsenais postos a serviço da reprodução da espécie e da reprodução do capital; corpo/carne formado de instintos que precisam ser controlados para que a ordem natural e/ou sagrada seja mantida; anatomo-fisiologia incessantemente investigada pelas ciências médicas que vêm buscando estratégias para mantê-lo saudável e funcionando; corpo-forma, constantemente moldado para adequar-se a modelos estéticos e significado para servir como demarcador de status e prestígio social (RIOS, 2004:32-33).

Para compreender sobre o que entendo por corpo e sobre qual(ais) corpo(s) interessa a este estudo, trilho o seguinte caminho: parto das técnicas corporais propostas por Marcel Mauss (2005), que demonstra como o corpo, longe de ser uma entidade biológica, com autonomia própria, separado da cultura, é construído pela e na cultura na qual está inserido; na sequência, sigo em direção às técnicas de si, propostas por Foucault (1988). Este, ao seguir o projeto de Mauss, mostra como cada sociedade tem uma série de técnicas para que os sujeitos se construam e modelem seus corpos para finalidades específicas.

Nesse sentido, tais teorias me são úteis para perceber como os boys de programa<sup>4</sup> reapropriam-se do fisiológico por uma série de técnicas, de modo a atender seus clientes, e como, nesse contexto, o dinheiro pode se tornar objeto de desejo e provocador de excitação. Le Breton (2007) nos chama a atenção

---

<sup>4</sup> Boys de Programa: categoria nativa utilizada pelos homens que se prostituem em Recife equivalente a expressão michê. (SOUZA NETO, 2009)

para o fato de que é do corpo que nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva.

[...] ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros das comunidades (LE BRETON, 2007:7/ MEUS GRIFOS).

Ao se relacionar com o mundo, esse corpo do prazer, corpo constituído no/pelo social e (re)produtor de significado, encontra-se imbricado na estreita e dinâmica relação entre as dimensões biológica, psicológica e social, conforme nos lembra Mauss (1974), em sua antropologia das emoções. Nessa mesma perspectiva, Geertz (2001) alerta para o fato de que tornar a reunir o cérebro, o corpo e o mundo é uma tarefa difusa e ambiciosa; contudo, possível e, mais do que isso, necessária. É nesse sentido que o autor questiona aquelas formas de compreensão que identificam o corpo de maneira fragmentada e desarticulada, tal como aquela que localiza a mente “dentro da cabeça” e a cultura fora dela.

A partir dessas dualidades, dentro-fora, interno-externo, psicológico-social e de certa hierarquia que parece privilegiar tais dualidades na relação entre corpo, mente e cultura, considero pertinente pensar a natureza cultural da mente, bem como a natureza mental da cultura, revelando um paralelo de contribuições e influências que ratifica o quanto é estreita essa relação (GEERTZ, 2001).

Para além da perspectiva anatomo-fisiológica, se faz necessário considerar o campo de tensão que surge a partir do diálogo constante entre as diferentes formas de se conceber e se entender corpo, seja o corpo anatomo-fisiológico, o corpo subjetivado, corpo/carne ou o corpo da cultura. E é desse diálogo que surge a concepção de corpo com a qual comungo. Corpo que ao ser mais do que matéria e mente, é sentido e significado de diferentes formas, em diferentes culturas e por diferentes grupos, como no caso dos boys de programa. Sendo assim, ao significar corpo, me referendo a partir do postulado de Bruner (1990), que estabelece que o conceito central de uma psicologia

humana é o *significado* e os processos e transações implicadas na sua construção. Para tanto, o autor faz uso do princípio da 'psicologia comum' como sistema pelo qual as pessoas organizam sua experiência no mundo social, seu conhecimento acerca dele e as transações com ele.

Sendo assim, partindo dos limites e possibilidades do marco teórico aqui proposto verificamos a existência de uma demanda de pesquisas mais recentes, que envolvem compreender de que maneira desejos e prazeres vão se construindo à margem da sexualidade hegemônica (cf. FRY, 1982; COSTA, 1995; PARKER, 2002; RIOS, 2004 e GUIMARÃES, 2004). Nessa linha, questiono pela excitação, ingrediente necessário e ambíguo no negócio do michê.

## **CAPÍTULO 2 – CANTOS, RECANTOS E ENCANTOS NAS RUAS E BECOS DO RECIFE**

No ano de 2004, tive a oportunidade de acompanhar, como voluntário, durante um período de três meses, algumas das ações desenvolvidas pela coordenação municipal de DST/AIDS destinadas aos michês que atuavam na Avenida Beira-Mar, no trecho entre a Pracinha de Boa Viagem e o Hotel Villa Rica, localizado no bairro de Boa Viagem, na zona sul do Recife; bem como aqueles que atuavam no centro da cidade, especialmente na Avenida Conde da Boa Vista.

A princípio, as ações desenvolvidas pelo Projeto “Gatos de Rua”, coordenadas por técnicos da Secretaria de Saúde do Município e alguns michês, constavam de aproximações de rua, que geralmente aconteciam no final da noite e início da madrugada, das quintas-feiras aos sábados, e versavam basicamente sobre o uso do preservativo, assim como a distribuição destes, como também o estabelecimento de diálogo a respeito da adoção de práticas sexuais que minimizassem os riscos do contágio por DST/AIDS.

Assim, a michetagem que se dava nas terras dos homens “cabra macho” me foi apresentada na ocasião. No entanto, a nebulosidade que se instalava, e de certa forma ainda se mantêm na michetagem no Recife, não possibilitou a identificação de contornos mais salientes, me motivando a retornar ao universo que envolve o fenômeno da prostituição masculina.

Definido o objeto de pesquisa, definir o campo de análise e como dizem aqueles que compõem o mercado do sexo no Recife, fui batalhar<sup>5</sup>. Durante vários dias, ou melhor, noites, estava eu entre ruas, saunas e bares da cidade à procura de informações que dissessem da dinâmica da prostituição viril no centro da cidade, e revelassem quais os sentidos do prazer e da excitação sexual na perspectiva dos próprios michês.

---

<sup>5</sup>Batalhar: categoria nativa utilizada entre as pessoas que se prostituem, sejam homens, mulheres ou travestis, para referir-se ao exercício da prostituição.

É justamente o lugar marcado por interpretações unilaterais que circunscreve o prazer na ordem reprodutiva ou no campo das perversões, como também por meio do argumento de que a vivência da prostituição muitas vezes se apresenta como destituída de prazer, que identifico o hiato que fundamenta e legitima a pertinência do estudo que aqui proponho.

Ao nos lançarmos num processo de investigação, quando da ocasião de pesquisa acadêmica, seja qual for a natureza desta, por diversas vezes se faz necessário acessar o contexto comum aos sujeitos investigados, no intuito de perceber e, por esse caminho - o da percepção, associado ao olhar analítico sobre tal contexto - reunir elementos que possibilitem compreender como os sujeitos investigados estabelecem e significam relações, práticas e dinâmicas no cotidiano do seu grupo de pares.

Imbuído de tal entendimento, aqui apresentarei, no tocante à prostituição viril no Recife, a anúncio desse contexto. Quais cantos e encantos revelados, qual recorte territorial estabelecido e quais razões motivaram essa escolha; quais peculiaridades e similitudes emergem do campo, assim como outros aspectos que apesar de não constarem dos objetivos desta pesquisa revelam-se por demais significativos para não merecerem sequer serem registrados, mesmo que sejam de forma sucinta.

De início, diria que o lócus da prostituição no Recife, sobretudo a prostituição homossexual masculina, se encontra diretamente influenciado pela noção de “região moral”, que surge da fragmentação do espaço urbano, transformado em regiões centrais (industrial e comercial) e periféricas (área residencial). Segundo Perlongher (1987), os centros das grandes cidades servem, ao mesmo tempo, como ponto de concentração administrativa e comercial e como lugar de reunião para as populações ambulantes, que “soltam” ali seus impulsos reprimidos pela civilização.

Ao atribuir aos centros das cidades, sobretudo os grandes centros urbanos, diferentes sentidos, entre os quais aqueles que os identificam como lugar de encontro, descoberta do novo, da aventura, meio do caminho, ausência e perda de referência, me pego a pensar que possivelmente essa perda, ou melhor, essa falta, parece possibilitar aos sujeitos que ali transitam

alternativas distintas para o experienciar de suas existências. Nesse sentido, não seria obra do acaso considerar que, no âmbito da sexualidade, os centros urbanos sejam reconhecidos como espaço predileto para a “caça” de parceiros sexuais, talvez pelo fato de as pessoas não estarem ligadas a esses territórios por laços familiares e/ou, exclusivamente, financeiros. Sendo assim, toda a sorte de marginais, mendigos, loucos, bêbados e, sobretudo, os profissionais do sexo, especialmente os michês, corroboram para a identificação dos centros urbanos como lócus propício para a “imoralidade”.

Dessa forma, o centro do Recife surge como território ao qual me lancei no intento de compreender como os boys de programa significam desejo, prazer e a excitação sexual no negócio do michê. Aqui faço uma ressalva, conforme relatei inicialmente, no que diz respeito à nomeação que utilizo para me referir aos michês, preferindo as denominações boys de programa ou boys. Tal justificativa se faz pelo fato observado de que, tanto na prostituição em espaços de domínio público quanto de domínio privado, os homens que realizam transações sexuais por dinheiro se autoidentificam e se nomeiam como tal. Vale salientar que, nesse aspecto, também observei que alguns desses sujeitos, geralmente os com mais tempo de batalha, mais idade ou que mantêm na estrutura hierárquica do negócio do michê certo lugar de destaque, como os “donos do ponto”<sup>6</sup>, se reconhecem como profissionais do sexo. Contudo, estes, de fato, não representam número significativo.

Ainda quanto ao item autorreconhecimento, identificamos certa similitude entre os resultados apresentados por essa investigação e os obtidos por Fabregás-Martínéz (2002) sobre a prostituição em Porto Alegre. À exceção de dois dos sujeitos por mim entrevistados, os demais revelam certa recusa à denominação “profissional do sexo”, uma vez que não se reconhecem como profissionais e classificam suas relações sexuais remuneradas como atividade provisória. Dessa forma, o profissionalismo implicaria uma maior entrega e dedicação à atividade e aos clientes, prática essa que é sempre relatada como

---

<sup>6</sup> Donos do Ponto: na prostituição viril de rua no Recife, os boys mais antigos, muitas vezes assumem o controle de algumas áreas de prostituição - esquinas, ruas ou quarteirões. Suas atribuições incluem, além do “gerenciamento” do espaço, a inserção de novos boys. Garantem a manutenção da ordem e recebem pelo agenciamento dos boys de programa que atuam no espaço sob a sua tutela (SOUZA NETO, 2009).



transitória, temporária e longe da seriedade de um emprego formal. Nesse aspecto, sobretudo, pude perceber uma grande preocupação por parte dos boys, evidenciando que em suas concepções simbólicas o fato de assumir a identidade de profissional do sexo os colocaria mais próximos de uma identidade homossexual. Nesse sentido, em consonância com o pensamento de Maria Luíza Heilbron (1995), diria que essa seria uma estratégia posicional para “estar” e “não ser” homossexual.

Por sua vez, Perlongher (1987) destaca que a prostituição apresenta possibilidades distintas para a autodenominação que variam de acordo com as práticas sexuais exercidas pelos michês. Mas, diferentemente de suas observações, pude constatar que no Recife os sujeitos envolvidos na prática da prostituição, em espaços públicos e/ou privados, preferem ser chamados e, muitas vezes, reconhecidos como “boy” ou “boys de programa”. Destaco, ainda, que a mesma denominação é muitas vezes utilizada também por clientes e agenciadores, sejam estes donos de saunas, casas de shows, cinemas e bares ou mesmo donos de ponto de prostituição localizados nas áreas públicas, denominados por Souza Neto (2009) como “cafetões de boys”. Ressalto que, por essa razão, a partir de agora me referirei aos michês dessa forma.

Por questões metodológicas, à escolha do território para a realização do campo - centro do Recife - julguei necessário acrescer um recorte mais específico. Assim, locais e horários foram meticulosamente selecionados a fim de possibilitar uma análise mais apurada dos dados observados. A noite me pareceu ser o momento mais adequado para a realização do campo, uma vez que a michetagem, na forma em que aqui se coloca, ocorre de forma mais expressiva no período noturno, geralmente adentrando a madrugada. Dessa forma, passei a frequentar o “triângulo das bermudas”, principalmente nos finais de semana, por representar um cenário propício à coleta de dados, também sinalizado por Souza Neto (2009) como tradicional área de prostituição homossexual masculina.

No tocante aos cantos e recantos, sob a luz dos estudos de Perlongher (1987), apresento as impressões advindas de duas perspectivas distintas: a

prostituição viril em espaços de domínio privado e a prostituição em espaços de domínio público. Ressalto que tal distinção parece mobilizar mais um campo analítico que estabelece semelhanças e peculiaridades entre essas duas perspectivas do que uma diferença substancial entre ambas. Assim, o que as une (o exercício da michetagem) deverá ser compreendido a partir de um contexto ambíguo que mescla privacidade e publicidade em ambas as perspectivas, pública e privada, o que possibilita problematizar tais dimensões e revelar o quanto o público é marcado pelo privado e vice-versa. Ao passo que contextualizo tais cenários, decido por adotar uma postura analítica que tencione perceber quais diferenças e semelhanças emergem desses contextos, objetivando compreender como se configura a dinâmica da prostituição viril na cidade do Recife.

## **2.1. Prostituição Viril em Espaços de Domínio Privado – As Saunas**

Sabe-se que o espaço físico ocupado pelos sujeitos imprime de certa forma algo em suas performances à medida que os limites geográficos, coletivamente atribuídos ao lugar, transferem a seus ocupantes significados que são absorvidos, apropriados e transformados em um jeito próprio de ser.

No que diz respeito à prostituição viril em espaços de domínio privado, salientando que me refiro àqueles estabelecimentos que não estão exatamente organizados para o exercício da prostituição, uma vez que seu agenciamento se configura em crime, conforme regulamenta a legislação brasileira<sup>7</sup>, mas sim sobre aqueles espaços que servem à acolhida de tal prática entre as atividades ofertadas.

A partir dessa perspectiva, identifico as saunas, casas de massagem, boates, bares e cinemas destinados ao público homossexual masculino, dos

---

<sup>7</sup> Código Penal Brasileiro que institui o Decreto Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Discussão a esse respeito é apresentada por Rodrigues, 2004.

quais me deterei a relatar as impressões advindas da observação em duas saunas situadas no bairro da Boa Vista.

### **2.1.1. Sauna 1 – A Popular**

Certo dia, por volta das 16:00 horas, estive numa sauna localizada no centro da cidade, instalada em uma das paralelas da Avenida Conde da Boa Vista. O trecho onde se situa conta com uma vizinhança diversa, constituída por um hospital, clínicas médicas e odontológicas, repartições públicas e escritórios, o que revela o caráter comercial de tal região. Destaco ainda que na mesma área de circulação encontram-se instalados alguns estabelecimentos destinados ao público homossexual da cidade, entre eles o bar Sete Cores e o Pithouse, que, junto ao Shopping Boa Vista, forma o principal espaço de socialização gay<sup>8</sup> do Recife.

De início, me apresentei ao responsável pelo estabelecimento, relatando minhas intenções e objetivos da pesquisa, solicitando autorização para tal fim. Acompanhado por dois amigos, entramos no estabelecimento. Deparei com uma fachada que em momento algum diz da natureza dos serviços ali prestados, fato que se fez perceptível pela discricção do ambiente e pela palidez das cores utilizadas internamente. Chamou também minha atenção a ausência de placas de sinalização ou coisa semelhante na fachada do prédio. Observei que tais características pareciam não se alinhar à ideia que eu fazia em relação à leveza e descontração comuns aos clubes de entretenimento, razão social com a qual o estabelecimento se encontra registrado.

Na recepção, observei que a discricção e o minimalismo da fachada não mais se mantinham. Nesse espaço, a decoração impõe certo ar de sofisticação que mais se assemelha à sala de estar ou sacristia de alguma igreja católica. Quadros com motivos religiosos e imagens de santos se misturam a

---

<sup>8</sup> Ver Souza Neto (2009).

bombonieres que imitam cristal, arranjos florais e porta-retratos com uma foto dos proprietários, figuras conhecidas no cenário homoerótico do Recife. Os únicos elementos que quebram a aparente atmosfera sacro-familiar se revelam nas presenças de um microcomputador e máquinas de cartões de crédito denunciando a natureza comercial do empreendimento. Algumas propagandas de espaços homoeróticos da cidade, bem como de festas programadas para datas próximas, nos sinalizam alguns serviços oferecidos no local.

Ainda na recepção, somos cadastrados por meio de um programa informatizado, que, interligado diretamente ao bar, serve ao registro da consumação dos clientes. Recebemos chaves para os armários, toalhas brancas e um par de sandálias. Tais elementos compõem o figurino adequado para a frequência nas saunas. Todos as usam, clientes e boys, exceto os funcionários. No entanto, a adoção desses elementos não serve para uniformizar quem os veste, e sim diferenciar, visto que a forma de uso, sobretudo a toalha, revela as intenções individuais.

Entre as perspectivas e possibilidades de uso das toalhas, identifiquei basicamente duas formas: uma que é usada dobrada ao meio – com o objetivo de diminuir o comprimento para evidenciar pernas e nádegas, estratégia bastante utilizada por clientes e boys que desenvolvem práticas sexuais passivas, e uma segunda forma, que consiste em utilizar a toalha de forma habitual - geralmente adotada pelos boys de programa que se dizem ativos. No entanto, a diferença reside quando estes, os boys ativos, propositalmente reservam maior tempo com a arrumação da toalha, sobretudo ao perceberem que estão sendo observados, ou ainda quando demonstram interesse por algum cliente em especial. A estratégia parece consistir em soltar e prender a toalha a todo instante, evidenciando o pênis quase sempre ereto.

Chegando ao vestiário, encontramos um ambiente que, à primeira vista, em muito não se difere do vestiário dos clubes esportivos. Dezenas de armários em aço posicionados estrategicamente entre paredes e bancos revestidos em cerâmica branca. A diferença surge quando atentamos para a decoração composta por catálogos de atletas em poses sensuais, como também para a intenção das pessoas que ali estão, evidenciadas nos olhares

fortuitos entre clientes e na abordagem direta por parte de alguns boys e interações entre boys e clientes que não raramente acontecem no espaço.

O estabelecimento encontra-se organizado em dois pavimentos. No primeiro piso, além da recepção e do vestiário, existe uma sala ampla com mesas, cadeiras, pufes e uma televisão ligada. O espaço também serve para apresentações de grupos musicais, geralmente bandas de pagode da cidade, e dá acesso ao único bar da casa.

Na área externa, um terraço dá acesso ao bar, à sauna a vapor e aos três banheiros instalados estrategicamente num espaço mais isolado, possibilitando a efetivação de “pegações”<sup>9</sup> entre clientes, bem como a abordagens entre boys e clientes. Próximo ao bar, algumas mesas, cadeiras e bancos encontravam-se distribuídos em área que funciona como uma espécie de jardim, que conta com um palco destinado às apresentações artísticas. Esse espaço mostra-se propício para as paqueras, pegações e contratação dos serviços dos boys, onde, no acerto, serão definidas quais práticas sexuais ocorrerão, bem como serão definidos os valores a serem pagos nos programas.

É também nesse espaço onde se torna mais evidente a relação de amizade existente entre boys e clientes. É bem verdade que esta não se trata de algo generalizado, mas identifiquei a ocorrência de certas relações de interação afetiva e demonstrações de certa intimidade protagonizadas por boys e clientes. Nesse espaço, boys e clientes se encontram, parecem se confraternizar em trocas de carícias e elogios, por vezes carregados de malícia e segundas intenções. Percebo que entre abraços e afagos, esses encontros se fazem oportunos por possibilitarem aos boys a fidelização de clientes conhecidos, como também a possibilidade de serem apresentados para novos clientes e assim expandirem suas redes de contato. Os clientes conhecidos são úteis aos boys não apenas por serem responsáveis pela divulgação de seus talentos e predicados por meio do “boca a boca”, mas também por

---

<sup>9</sup> Pegação: encontros fortuitos entre homens homossexuais com a finalidade de interação sexual, havendo penetração peniana ou não, sem que ocorra a efetuação de pagamento por tais práticas.

servirem à capitalização dos boys, que não se dá, neste caso em especial, exclusivamente por meio do pagamento efetuado pela realização do programa.

Existe aí, ao que me parece, certa manutenção do *status quo*, tanto para o cliente quanto para os boys, que mediada pelo monetário, garante a ambos as possibilidades de demonstração de certo poder em relação aos demais, por meio da influência e capacidade de articulação. Essa estratégia parece ter implícita a promessa de permanência exitosa desses sujeitos no negócio do michê.

No segundo piso, encontramos um pequeno hall, dois chuveiros, nove pequenas cabines com cama de cimento armado e colchões forrados em napa de couro em cor escura, papel higiênico, ventilador e iluminação em luz vermelha, além de caixas de som que projetam música ambiente. Penso que a música, em volume elevado para o espaço, funciona como estratégia proposital para evitar que sejam ouvidos os gemidos, sussurros e conversas realizadas durante as transas. Também nesses espaços, as transas ocorrem tanto em decorrência dos programas entre boys e clientes, como também em decorrência das pegações.

Numa segunda sala, um aparelho de TV e dois sofás decoram o ambiente. No início da noite, certo número de boys se mostram atentos à programação da televisão enquanto parecem aguardar o início do movimento dos clientes. Na sala de vídeos localizada ao lado, alguns boys e clientes assistem a filmes pornô. É comum que durante esses filmes os boys, principalmente, se masturbem ou exibam o pênis ereto diante dos olhares desejosos dos clientes. O ato em si parece se revelar muito mais como estratégia de oferta dos serviços do que fruto do tesão provocado pelas cenas dos filmes. A exibição do pênis ereto serviria então para demonstrar não só suas dimensões, mas também para vender uma possível potência superior aos demais boys e/ou clientes que se encontram na pegação.

No que diz respeito ao perfil dos boys, percebo que nessa sauna, cuja clientela em sua grande maioria parece oriunda das camadas populares e da classe média, apresenta-se de maneira diversa. Dessa forma, é possível identificar tanto os boys do tipo “malhado” como os boys tipo “barrigudo”. No

questo performances de gênero (SOUZA NETO, 2009), essa variedade se revela tanto por meio dos boys e clientes afeminados quanto dos boys que exibem seus músculos trabalhados em academias de ginástica. Contudo, em sua maioria os boys dessa sauna são aparentemente “mais velhos”, conforme relata Almir, um dos boys de programa mais antigos atuando na casa:

[...] Já tenho dezesseis anos de experiência. Sou um dos mais velhos aqui. Só existem apenas uns três com idade de dezenove anos (ALMIR, BOY DE PROGRAMA, 35 ANOS, CASADO, MORENO).

Outro aspecto que merece registro se refere ao fato de que na relação entre os pares os boys de programa se tratam, muitas vezes, utilizando adjetivos como “bicha”, “frango” e/ou nomes femininos, como forma de tratamento.

### 2.1.2. Sauna 2 – A Elitizada

Já era madrugada, por volta de 1:00 hora da manhã, quando cheguei à sauna localizada próximo a uma universidade instalada no centro da cidade. Nesta, o espaço se mostra organizado para uma série de situações, entre as quais as que objetivam o divertimento do público homossexual, mas também abriga o exercício da prostituição de homens. Assim, o empreendimento aqui descrito se insere no que chamarei de rede do comércio homoerótico do Recife.

Considero que as saunas, como qualquer estabelecimento dessa rede, sofrem os prejuízos inerentes aos estigmas atribuídos aos empreendimentos destinados ao público homossexual e, talvez, esse seja o motivo que corrobora

para a adoção de uma atmosfera de discrição, reiterada pela ideia de anonimato e certa invisibilidade solicitadas pelos clientes.

Semelhante ao percebido no relato a respeito da sauna anterior, o elemento discrição, sobretudo quando nos referimos às fachadas das saunas, parece se fazer presente como característica inerente a estabelecimentos dessa natureza. A fachada do prédio, ou melhor, dos prédios, dois prédios antigos localizados no bairro da Boa Vista, pintada em cores discretas, pouco iluminada, sem placa de identificação, barulho ou movimentação aparente, à exceção de um ponto de táxi estrategicamente localizado em frente à casa, divide território com casarios antigos quase sempre fechados, quando não abandonados.

No contexto que por hora nos detemos, a inserção dessa sauna na região moral, a proximidade com a universidade e toda a movimentação que dela advém, o vai-e-vem de alunos e carros, como também os demais estabelecimentos comerciais que se encontram nas proximidades, parecem agregar a essa localidade, em especial, uma atmosfera comercial que orienta fortemente os centros urbanos das grandes capitais. Essa dinâmica, ao aderir-se à realidade dessa localidade, marca simbolicamente as edificações que ali se encontram.

Essa diferenciação, que lhe confere o status de sauna elitizada, torna-se passível de confirmação. Nos depoimentos tanto dos clientes como dos boys de programa, bem como, por meio dos sites<sup>10</sup> especializados e direcionados ao público homossexual masculino, que a apontam como uma das melhores saunas do país. Assim, a sofisticação torna-se, nesse contexto, a característica que melhor se aplica quando objetivamos distinguir uma sauna da outra. Sofisticação que invade não apenas os ambientes, mas que também se torna fator de regulação das condutas e posturas dos boys de programa e clientes.

Outra questão que considero interessante ressaltar diz da visão comercial do proprietário, que ao crescer ao lazer outros serviços consegue empregar ao estabelecimento um formato de “complexo de serviços” que, além de agregar valor ao negócio, amplia a qualidade no atendimento. Assim, a ideia

---

<sup>10</sup> Ver guia gay Recife/Olinda (<http://www.pousadapeter.com.br>)



de diversão e entretenimento mostra-se associada à comodidade de outros serviços, tais como salão de beleza, cabeleireiro, depilação, manicura e pedicura, sala de leitura e lan house, concentrados num mesmo espaço.

Nessa sauna, percebo que o requinte, a sofisticação e o colorido dos ambientes, móveis e objetos de decoração também contrastam com a fachada monocromática. A recepção, mais reservada, localiza-se numa espécie de corredor de entrada, com paredes revestidas em cerâmica, iluminado à meia-luz. O atendimento é realizado através de uma pequena abertura na parede, pela qual o recepcionista se comunica com o cliente, para efetuação dos cadastros, entrega de chaves para os armários, toalhas e sandálias. Tal funcionário, posicionado em local estratégico, não consegue de imediato, visualizar o cliente o que garante a este a possibilidade de certo anonimato.

Finda a etapa recepção, avistamos uma espécie de sala de estar e, na sequência, três vestiários, com armários, dois banheiros individuais e um coletivo, com chuveiros, duas saunas, sendo uma a vapor seca e outra a vapor úmida; uma lan house, com seis computadores ligados à internet; um salão de beleza em funcionamento; uma sala de relax e um pequeno jardim de inverno, com bar ao ar livre são os espaços que compõem a parte térrea ou primeiro piso.

No primeiro andar, existem dois bares: um dispõe de palco para apresentações artísticas, e o outro é utilizado como fumódromo. Existem também duas salas de vídeo: uma com programação pornô homossexual, e outra com programação heterossexual; cabines iluminadas com luz vermelha; dois banheiros individuais e um coletivo, este com chuveiros; um labirinto, composto por um emaranhado de corredores pouco iluminados, que termina em uma área mais ampla onde se encontra instalada uma cama de casal. Nesse espaço, são realizadas interações sexuais envolvendo pares ou grupos de homens, bem como apresentações de sexo ao vivo envolvendo “atores” contratados pela casa. Geralmente, o espaço é frequentado por adeptos da pegação e/ou voyeurs<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Voyeur: pessoa que demonstra interesse, e sente prazer, em observar outro(s) durante a realização de práticas sexuais.

Quanto aos boys de programa que atuam na sauna, classificados entre os fixos e os eventuais, pagam entrada, à exceção de alguns que recebem desconto por se configurarem como cliente comum. Esteticamente mais bem “cuidados”, se percebe claramente entre eles uma maior preocupação com a aparência física. Saliento que essa preocupação não necessariamente se resume aos modelos estéticos masculinos hegemônicos, dos corpos fortes e musculosos, mas também aqueles que salientam a musculatura pouco trabalhada, com protuberância abdominal, e configuram uma estética que se assemelha à do homem malandro.

Dessa forma, percebe-se entre os boys, seja na “estética malhado” ou na “estética malandro”, demasiada preocupação em se manterem esteticamente atraentes. Para tanto, revelam cuidados com os cabelos, sempre arrumados, bem cortados, modelados por gel ou alguma espécie de pomada capilar que proporciona a permanência do visual por períodos mais duradouros; unhas feitas, cortadas e pintadas com esmalte transparente, além de corpos depilados. Para os boys, tais recursos transmitem aos clientes uma ideia de higiene e limpeza e tornam-se atributos valorados no negócio do michê

Em entrevista com um dos boys de programa que atuam esporadicamente na sauna, ao discorrer sobre a valorização do corpo no negócio do michê, é revelada a atenção que os boys devem ter com os cuidados com a higiene:

[...] Eu valorizo o corpo. Se é limpo, bem tratado, é isso que o cliente observa no boy (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Não podemos também deixar de falar do uso dos adereços. Nesse caso, considero a existência de duas formas distintas de adereços, aqueles que se encontram alocados no próprio corpo, o que aqui chamarei de *adereços dos corpos* como também aqueles que estão por sobre os corpos, o que nomeio de *adereços nos corpos*.

No primeiro caso, os *adereços dos corpos*, cito tanto a musculatura definida por exercícios físicos e evidenciada pela depilação como também pelas tatuagens, onde essas três características: musculatura proeminente, depilação e tatuagens, mais do que adornos, servem, no meu entendimento, à personalização dos corpos que buscam se singularizar dentro de um padrão que regulamenta o perfil dos boys de programa (cf. SOUZA NETO, 2009). No entanto, ao passo que a adoção desses recursos parece constar de uma regra no âmbito do negócio do michê, este, creio eu, fracassa quando a intenção reside na singularização dos corpos, visto que, cumprindo essa espécie de protocolo, os boys ao que me parece, terminam mais por se assemelharem uns aos outros do que por se singularizarem, como se todos fizessem parte de uma massa homogênea. Talvez, nesse contexto, os boys que se orientem pelo modelo estético do boy malandro sejam mais exitosos do que aqueles que se orientam pela estética do boy malhado.

Quando me refiro aos adereços nos corpos, quero salientar o uso de uma série de acessórios que, diante da não-utilização de roupas e da “uniformização” proporcionada pelo uso das toalhas, serve à personalização dos sujeitos num contexto que busca homogeneizar o ser e o fazer dos boys mediante a adoção de padrões pré-definidos. Sendo assim, faz-se comum o uso de brincos, piercings, pulseiras e gargantilhas, cujo design varia em discrição e exuberância.

Quanto ao comportamento, percebo que os boys desse estabelecimento parecem ser mais discretos em suas abordagens. Geralmente, não andam sem toalhas, e quando o fazem, no intuito de deixar o pênis à mostra, reservam essa prática para as salas de vídeo e, obviamente, quando nas duchas. Assim, também aqui a estratégia da automanipulação é facilmente percebida. Todo um código marcado por olhares, pegadas no pau<sup>12</sup>, pedidos de cigarro e isqueiro compõe algumas das estratégias de aproximação boy-cliente.

---

<sup>12</sup> Pau: categoria nativa utilizada para referir-se ao órgão sexual masculino.

## 2.2. Prostituição Viril em Espaços de Domínio Público – A Rua

No caso da prostituição viril em espaços de domínio público, especificamente as ruas, constata-se uma ausência de fronteiras físicas definidas. Essa ambiguidade inerente às ruas permite aos boys de programa se misturar aos transeuntes, conferindo-lhes um caráter de maior exposição à violência do que nas saunas. Talvez, por isso, os boys que atuam exclusivamente em saunas se considerem “menos prostitutas” do que os que atuam nas ruas. Dentro dessa lógica, verifica-se o valor moral empregado ao exercício da prostituição entre os próprios boys de programa. A delimitação dos espaços privados parece proporcionar aos boys das saunas a possibilidade de se sentirem, quem sabe, moralmente melhores (FREITAS, 1985).

Isso difere da descrição do contexto a respeito da prostituição viril em espaços de domínio privado, onde ambos os estabelecimentos ao encontrarem-se instalados no bairro da Boa Vista falam de locais geograficamente distintos que sequer deixam transparecer a natureza dos seus serviços e que, por estarem envoltos num certa atmosfera de invisibilidade, parecem não estabelecer relação com os demais aparelhos que compõem o complexo arquitetônico do território. No caso da prostituição em espaços de domínio público, especificamente a rua, o exercício da michetagem assume outra dinâmica, com diferentes contornos e feições.

Na situação da prostituição de rua no centro do Recife, sua ocorrência se dá a partir da segmentação das diferentes categorias e modalidades de prostituição, que se dividem em regiões específicas. Na ocasião da batalha, prostitutas, travestis e boys de programa ocupam territórios distintos, desenhando uma espécie de roteiro da prostituição de rua. Assim, enquanto as prostitutas ocupam a Pracinha do Diário e Praça Joaquim Nabuco, bem como suas imediações, as travestis transitam pelas ruas próximas à Casa da Cultura ou por toda a extensão da Avenida Mario Melo. Quanto aos boys de programa, observa-se maior fluxo no perímetro que abrange as ruas da Soledade, Oliveira Lima, Riachuelo e Gervásio Pires, bem como Praça Oliveira Lima e Corredor do Bispo. Esse perímetro se estende ainda por trechos da Avenida Conde da

Boa Vista e o antigo “*bem-me-quer*”, localizado na Rua da Aurora, entre a Ponte Nova e a Ponte de Ferro. (cf. SOUZA NETO, 2009).

Prevalece nesses espaços, mesmo que veladamente, certo grau de agenciamento, que salvo as devidas proporções, também é constatado nos espaços de domínio privado. Porém, nas ruas esse agenciamento se apresenta de forma distinta, tornando possível se verificar dentro do perímetro demarcado, em certas esquinas, pontos de prostituição masculina controlados pelos “donos do ponto”. Esses agenciadores assumem a responsabilidade com a manutenção do espaço, regularidade dos boys, e inserção de novos garotos no negócio do michê.

Vale ressaltar que quando falamos dos “novos garotos”<sup>13</sup> devemos estar atentos à dubiedade de tal nomeação. No contexto que aqui apresento serão estes assim nomeados por duas razões fundamentais: uma que diz da chegada de novos garotos no ponto e outra que faz referência direta à idade dos novatos, que geralmente são iniciados na prostituição antes de completar 18 anos. Dessa forma, considero importante registrar que na região investigada a grande incidência de rapazes jovens inseridos no universo da prostituição tem se mostrado como prática constante e crescente. Muitos destes, ainda adolescentes ou crianças, atuam nas ruas do centro juntamente com os boys de programa adultos<sup>14</sup>, dando novos contornos ao mercado homoerótico do Recife<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup>Souza Neto (2009) adota a nomenclatura “pequenos boys” para designar os meninos envolvidos no universo da prostituição do Recife. Contudo, saliento que preferi utilizar a categoria “novos garotos”, também na tentativa de não configurar a existência de uma prostituição infantil, mas sim registrar a evidente exploração sexual comercial a que essas crianças e adolescentes estão submetidos.

<sup>14</sup>Ver: Os pequenos boys de programa: notas etnográficas sobre meninos em situação de exploração sexual (SOUZA NETO, 2009)

<sup>15</sup>Em uma das incursões ao campo, identifiquei um grupo com aproximadamente dez adolescentes que circulavam entre a Praça Oliveira Lima e imediações. Já era tarde da noite, porém os novos garotos, sempre em duplas, às vezes em trios, executavam uma espécie de coreografia cujos movimentos objetivam a sedução dos clientes. Os encontros e desencontros desses garotos com seu grupo de pares eram intercalados por tentativas nem sempre promissoras de aproximação com os clientes e vice e versa.

Ocorre que, na situação dos novos garotos, essa aproximação parece, na maioria das vezes, acontecer mais no sentido cliente-garoto do que no movimento contrário. Nesses casos, é comum entre essa categoria específica de garotos que frequentam as ruas de prostituição a adoção de uma postura aparentemente descompromissada. Entre os que ali circulavam, alguns se encontravam conversando com boys de programa, ou simplesmente mantinham-se em silêncio em recantos afastados. Contudo, esses locais me pareciam escolhidos

A prostituição masculina de rua no Recife configura-se ainda por um “roll” de serviços e estabelecimentos que, ao compor o mercado homoerótico, nos fala de uma inerente relação entre os elementos que compõem esses coletivos, que marcam não só o cenário, mas também a dinâmica da prostituição viril nessa região em especial. Assim, esse território apresenta um verdadeiro complexo de estabelecimentos comerciais, entre os quais duas boates, um bar e uma sauna, além de uma grande diversidade no comércio alternativo de alimentos e bebidas.

É nesse cenário, repleto de carrinhos de cachorro quente, barracas de pastéis e isopores recheados de bebidas, que circulam os boys de programa em busca de clientes. No entanto, tal circulação não se dá de forma aleatória e despropositada. Quando digo de um mercado homoerótico que marca a prostituição viril na região, faço referência a todo aparato logístico e de acesso que possibilita o desenrolar dessa modalidade de prostituição.

Como exemplo, cito os carrinhos e barracas de lanches espalhadas ao redor e nas proximidades da Pracinha do Riachuelo, que, além de comercializarem comidas e bebidas, servem de ponto de apoio, assim como de acesso a informações que podem ser úteis aos boys. Em algumas dessas barracas, os boys de programa que chegam de bicicleta ou moto podem estacionar com segurança, confiando aos proprietários e ou funcionários desses estabelecimentos, pertences como capacetes e sacolas com objetos pessoais. Destaca-se o fato de que alguns desses proprietários e/ou

---

estrategicamente, a fim de possibilitar tanto uma melhor observação da movimentação e do cenário noturno como, em igual proporção, possibilitar que fossem vistos pelos clientes.

Curioso torna-se, então, o fato de que para esses “novos garotos” o negócio do michê se revela marcado por tamanha sutileza que o distingue da prostituição dos adultos. É provável que tal distinção ocorra devido à ilegalidade do ato - a prostituição de crianças e adolescentes. No entanto, este não parece isoladamente justificar tal singularidade.

Em conversa informal com outro boy, este com 22 anos, pai de um menino de um ano e meio, alto, magro, pele clara, corpo depilado, exibindo duas grandes tatuagens, uma nas costas e outra na panturrilha esquerda, foi relatado que sua iniciação no negócio do michê se dera quando ainda tinha 16 anos. Tal informação confirma não só o que outrora sinalizou Souza Neto (2009) a respeito da iniciação precoce de meninos no negócio do michê na cidade do Recife, como também o que evidencia que nos grandes centros urbanos brasileiros a prostituição vem sendo exercida por crianças e adolescentes, motivadas muitas vezes pelas condições socioeconômicas, bem como pelas relações de poder entre gênero e dinâmica familiar, que têm se apresentado como questões estruturais e simbólicas (MOLINA, 2003; In. SOUZA NETO, 2009)

funcionários também desenvolvem práticas sexuais comerciais, o que contradiz o argumento da necessidade como principal justificativa para inserção e prática da prostituição.

Nessas barracas, alguns boys de programa realizam suas refeições, antes ou durante a batalha. Nem sempre pagam de imediato e deixam a dívida no “pendura”<sup>16</sup>, configurando certa relação de confiança mútua, que aqui identifico como elemento que compõe o mercado homoerótico e reforça minha hipótese de que existe nesse território certa articulação e pactuação informal entre os boys e o comércio local.

O tempo gasto com o lanche torna-se precioso ao boy para o estabelecimento de conversas informais sobre a movimentação da noite, possivelmente visando ao reconhecimento do espaço ou cenário local. Dessa forma, informações sobre a chegada, permanência ou saída de alguém em especial, clientes ou outros boys, que deveriam estar ou estão no “pedaço”, lhes são repassadas pelos proprietários das barracas. Esse mesmo tempo é utilizado ainda para que possam constatar e avaliar a movimentação dos clientes e demais boys que se encontram na área ou da polícia que realiza rondas esporádicas na região.

Nesse aspecto, observei, em vários momentos, que a presença da polícia no local não chega a causar estranhamentos ou alterações visíveis no cenário. Ao observador mais atento, contudo, será perceptível a movimentação dos “novos garotos” que se aglomeram ou se espalham por pontos mais afastados, possibilitando uma fuga imediata em casos de batidas por parte dos policiais. Assim, pude constatar que as barracas se encontram instaladas em pontos estratégicos, favorecendo uma ampla visão do local e, muitas vezes, funcionando como espaços de proteção e/ou retaguarda.

Por diversas vezes, pude perceber tais movimentações sentado no banco de uma das barracas que comercializam pastéis. Nesta, especificamente, mais antiga e mais frequentada pelos boys de programa, os funcionários utilizam surrados uniformes verdes que divulgam o slogan do

---

<sup>16</sup> “Pendura”: expressão oriunda do senso comum, que se refere à aquisição de um bem ou serviço cujo pagamento pode ser efetuado posteriormente.

estabelecimento. Em letras amarelas, a frase: “*Pastel Cação – O Point Certo da Caça e da Paquera*” parece evidenciar intenções que vão além da simples comercialização de lanches. A meu ver, tal particularidade evidencia a existência de diferentes “modalidades de agenciamento da prostituição”, que se dão por meio de comércio informal vinculado à prostituição. Muitas vezes, aparentemente, os que ali estão comercializando seus produtos, na dinâmica do mercado homoerótico e em especial na relação com os boys de programa, também servem a outras atividades que não exclusivamente à comercialização de lanches.

Alguns desses “comerciantes” atuam como olheiros e facilitadores para outra categoria de boys de programa, identificada por Souza Neto (2009) como “moto-boys de programa”. Estes estacionam suas motos próximas à referida barraca e aguardam a saída dos clientes das casas noturnas e bares instalados no perímetro. Oferecem serviços de transporte aos clientes, muitas vezes indicados pelos comerciantes. Contudo, de acordo com a vontade do cliente, os serviços podem não se resumir unicamente à realização do trajeto até a casa dos passageiros. Não raro, por acréscimo no valor acertado previamente pela corrida, esses moto-boys também realizam programas que podem acontecer na casa dos clientes ou em motéis pagos por estes.

Outros aspectos que evidenciam a presença constante de agenciadores da prostituição masculina nas ruas do Recife são salientados por um boy de programa que se intitula “dono do ponto”. Iniciamos diálogo referente à dinâmica e perigos de batalhar nas ruas. Durante a entrevista, quando questionado sobre a operacionalização dos programas, revela a existência de pontos fixos, sobretudo no centro da cidade, e de uma espécie de rede de agenciamento e controle que, ao ser composta por olheiros, donos dos pontos, seguranças e até moradores, serve à manutenção da prostituição no bairro da Boa Vista. Saliento que resolvi transcrever parte da entrevista por considerar a riqueza de detalhes importante ao entendimento da logística aplicada pelos agenciadores, contudo destaco que alguns dados de identificação pessoal e/ou comercial foram suprimidos a fim de garantir a confidencialidade destes.



Em certo momento da conversa, busco saber se existe uma definição sobre quais ruas os boys de programa podem batalhar:

[...] Não, não existe não. Aqui no centro sim, mas só fim de semana, perto de Boate (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Explico então que, ao passar pelas ruas, observo maior frequência dos boys nos trechos entre a Rua do Riachuelo, Rua Gervásio Pires e Av. Conde da Boa Vista.

[...] É porque ali se chama ponto certo. Tá entendendo? Porque ali você paga para trabalhar. Tá entendendo? (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

O relato evidencia e comprova a existência de agenciadores. Procuro, então, saber dos valores pagos pelos boys de programa e a quem efetuam tais pagamentos.

[...] Pagam entre R\$10,00 e R\$15,00 reais por dia. [...] A gente paga a uma mulher de uma boate, aos [...] que vêm pegar. [...] É. A [...] é quem faz o recolhimento” (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Busco por mais detalhes, questionando sobre a constância do agenciador no negócio do michê.

[...] É. Em todo canto, qualquer ponto que você for. Elas [as pessoas] negam, mas sempre tem um, dois homens que vêm pegar. É obrigatório. Se eles vêem você saindo, entrando num carro com uma pessoa, quando você voltar tem que pagar (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Procuro então saber como os agenciadores conseguem controlar a frequência dos boys em determinadas ruas e/ou pontos de prostituição.

[...] Tem gente que mora perto, no apartamento e fica olhando. Tem cara que trabalha de segurança que o [...] coloca lá, coloca os moradores para trabalhar lá, mas só pra eles ficarem olhando o ponto (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Entendo, dessa forma, que os locais de prostituição “determinam” estilos e/ou interpretações diferenciadas, com características e dinâmica próprias, reforçando a compreensão de que as façanhas do mercado homoerótico no Recife são manifestações de interações e negociações tratadas em lugar e momento sócio-histórico específico.

### **2.3. Mercado Homoerótico: Rotinas do Trabalho do Boy**

Aparentemente mais ousados, os boys que frequentam as saunas parecem “chegar mais” no cliente, encurtando ou até mesmo, em algumas situações, desconsiderando o período do flerte que compõe as estratégias de aproximação. Dividem-se entre os “fixos”, conhecidos como os da “casa”; e os “eventuais”, aqueles que não mantêm nenhum vínculo com o estabelecimento e por isso pagam entrada como um cliente comum.

Interessante que essa condição de “boy fixo” não resulta de relação trabalhista formal que o classifique como funcionário, uma vez que o agenciamento da prostituição é prática ilegal no país.

No entanto, ao se inserir no contexto do trabalho, no caso em questão do “trabalho sexual”, este passa a ser significado pelos boys como uma espécie de marcador da identidade masculina, sobretudo nas camadas populares, conforme destaca Duarte (1986) em seu estudo a cerca das

representações sobre o trabalho na perspectiva das classes trabalhadoras urbanas.

Mesmo grande parte dos boys não atribuindo ao exercício da michetagem a condição de profissão, apenas dois dos sete entrevistados assim se referem à prostituição viril. Esta, quando associada a outras atividades profissionais, especialmente aquelas que necessitam do dispêndio da força física, passa a ser significada como atividade transitória, cujo objetivo maior seria o complemento da renda. Parece-me que, nesses termos, a condição de trabalhador do sexo torna-se “suportável” diante da não-existência de outras possibilidades de trabalho, situação que fortalece o argumento que muitos dos boys apresentam de que estão nessa vida por não terem outras oportunidades profissionais e que é melhor trabalhar como boy do que não ter trabalho nenhum, relato que seria mais bem entendido se o lêssemos da seguinte forma: melhor ganhar dinheiro como boy de programa do que não ganhar dinheiro nenhum.

De fato, me parece que esse lugar de trabalhador, de funcionário, mesmo que de maneira informal, talvez mais próximo da lógica do prestador de serviços, é ocupado pelos boys de programa nos espaços do comércio homoerótico do Recife, sobretudo nas saunas. O que me leva a tal conclusão é o estabelecimento de uma rotina inerente ao exercício da michetagem nesses estabelecimentos que, apesar de ser orientada por uma dinâmica bastante peculiar, não está imune às rotinas que caracterizam a condição trabalhista. Nesse sentido, alguns fatores se destacam, tais como: horários estabelecidos para início e final das atividades; locais específicos para guardar seus pertences e objetos pessoais, separado dos clientes; fardamento ou espécie de uniforme, caracterizado pelas toalhas, fato inclusive que já motivou ação jurídica na Justiça do Trabalho; e, sobretudo, a existência de um padrão de normas e regras internas que definem as políticas das instituições e devem ser respeitadas e seguidas pelos boys de programa.

Assim, observo que, tanto no exercício da prostituição de domínio público quanto de domínio privado, existe uma espécie de *modus operandi* que orienta os boys não apenas no que devem trajar, mas também numa espécie

de repertório gestual e comportamental definido por códigos de ética que devem ser seguidos à risca.

Pedro, 27 anos, moreno, boy de programa, ao me falar sobre os riscos inerentes ao universo da prostituição viril no Recife, diz da existência de um código de ética que orienta o fazer dos boys de programa. Ele relata, por exemplo, que quando um cliente deseja acertar um programa com um boy que considera “boy sujeira” (por se aproveitar da situação para roubar o cliente) ele alerta e justifica os motivos. Diz, ainda, que essa regra é uma constante entre os boys sérios.

Contudo, em outras situações algumas informações relativas ao perfil de alguns boys, que não coloquem o cliente em risco, serão sonegadas para não infringir, segundo ele, o código de ética da profissão. Verifica-se, então, que a questão ética envolvida na prostituição masculina no Recife se configura em duas vertentes: um código que regula a relação boy-cliente, e outro que regula a relação entre seus pares.

O revelar desse *modus operandi* dos boys de programa, conforme salientado por tais códigos de ética, também marca todo um repertório gestual que parece orientar o exercício da prostituição viril, seja em espaços de domínio público ou privado. Percebo que a vastidão e a diversidade desse repertório se fazem transparecer de maneira sutil na interação boy-cliente, como uma espécie de coreografia onde um precisa do consentimento do outro. Um precisa estar ligado e atento às intenções do outro para eliminar as possibilidades de improvisação e garantir o cumprimento à risca do roteiro dessa coreografia.

Nesse contexto, configura-se todo um código marcado por olhares fortuitos, que podem se traduzir em piscadas de olhos; o erotismo dos corpos potencializado pelo figurino que evidencia e, por vezes, deixa à mostra partes dos corpos desnudos (BATAILLE, 1987); bem como pela estratégia de automanipulação, consistindo no passear das mãos pelo próprio peito, abdômen e, sobretudo, pênis, mostram-se como práticas constantes entre os executores da prostituição viril.

Quanto aos clientes, percebe-se que representam um grupo mais heterogêneo, distintos em idade, características físicas e condição socioeconômica. Contudo, muitas vezes se regem pelos mesmos códigos de

demarcação, salientando outros atributos que possam lhes garantir status e poder, ainda que simbólicos

No que diz respeito aos estabelecimentos, verifica-se o funcionamento diário, normalmente a partir das 15:00 horas, se estendendo até às 23:00 horas. Nos finais de semana, uma das saunas oferece serviço de pernoite. Na maioria dos estabelecimentos, a programação é bem diversificada. Em algumas saunas, nos dias de shows os clientes pagam meia entrada, em outros usufruem de um sistema classificado como “clone de cerveja”<sup>17</sup> ou de duas horas de cerveja grátis. Em quase todos, incluindo-se saunas, boates e bares, são programadas festas temáticas, ao som de músicas eletrônicas ou dos estilos brega e pagode.<sup>18</sup>

Ainda no tocante ao mercado homoerótico, considero interessante registrar o movimento de migração para outros Estados e países por parte de alguns sujeitos, sobretudo os boys de programa. Estes, em comparação as travestis, revelam menor frequência no processo de migração internacional. Contudo, revelam que “circulam” ou fazem “temporadas” em estabelecimentos de outros Estados do Brasil.

Nesse sentido, alguns chegam a justificar esse processo de transição ou circulação referindo-se a convites recebidos, que, com frequência, sinalizam a possibilidade de abandonar a prostituição. Durante o processo de entrevistas, um de meus informantes justificou sua ida ao Rio de Janeiro, como possibilidade de trabalhar como Barman em uma boate de grande porte. No entanto, entre os boys da sauna onde atuava é conhecido o fato de ele ter apenas trocado de “praça”<sup>19</sup>, passando a batalhar na capital carioca. Assim, observo ser fato comum entre os boys de programa do Recife efetuar

---

<sup>17</sup> Clone de Cerveja, designação para o procedimento adotado em alguns espaços não necessariamente vinculado ao comércio homoerótico, em que se recebe uma cerveja grátis para cada uma paga.

<sup>18</sup> Referente aos valores de ingressos nas casas, verifica-se certa variação. Na sauna popular, a entrada custa R\$ 13,00. Porém, nas quartas-feiras o valor é reduzido para R\$ 10,00 por casal ou pares. Na sauna elitizada os valores variam entre R\$ 16,00 e R\$20,00, dependendo do dia em que se pretenda frequentar a casa. Nas boates, os valores também são variáveis. Enquanto nas duas elitizadas custam entre R\$ 20,00 e R\$ 25,00, na popular limita-se a R\$ 10,00. Nos cinemas com exhibições exclusivas de filmes pornográficos, que também integram o mercado homoerótico da cidade, esses valores variam entre R\$ 5,00 e R\$ 10,00.

<sup>19</sup> Praça: denominação nativa entre os boys para designar territórios de prostituição.

movimentos migratórios sazonais entre as capitais dos Estados vizinhos, tais como: Maceió, em Alagoas; João Pessoa, na Paraíba; Natal, no Rio Grande do Norte, e Fortaleza, no Ceará. Entre os Estados da Região Sudeste, destacam-se as capitais do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente.

A migração para outras praças muitas vezes fundamenta-se pela busca de novos clientes e maiores remunerações, além das possibilidades de diversão relacionadas ao turismo. Outros fatores ligados ao fenômeno referem-se ao desgaste da imagem do boy, dificuldade na concorrência com os novatos ou, ainda, envolvimento em brigas e crimes que podem envolver clientes poderosos, outros boys de programa ou os agenciadores.

A incipiência de tal dado não me permite no momento reunir elementos que possibilitem uma análise mais apurada dos fatos. No entanto, considero interessante utilizarmos o fenômeno da migração, encabeçada pelas travestis<sup>20</sup>, como pano de fundo para se compreender a emergência dessa dinâmica no negócio do michê do Recife.

Também emerge do campo uma lógica interpretativa que atribui certo status à prostituição em espaços de domínio privado em comparação com a prostituição de domínio público, fato que é destacado em recente estudo realizado no Sertão do Araripe (Rios, Meneses-Santos et ali, 2009). Assim, os “bordéis” são significados como espaços de proteção não apenas pelos

---

<sup>20</sup>Em conversa informal, uma jovem travesti relata as colegas, na barraca de pasteis descrita anteriormente, como é sua vida e trabalho. Diz ir para a Europa, mais especificamente a Itália, de duas a três vezes ao ano. Revela haver um esquema de entrada no país através da Espanha. As travestis quando abordadas pela imigração, declaram viajar a passeio. Chegando à Espanha, são encaminhadas a Itália. Ela fica uma média de dois ou três meses. A rotina é de trabalho árduo, se escondendo durante o dia e saindo praticamente apenas à noite para batalhar. Economiza tudo o que pode, inclusive com alimentação. A cada valor economizado, usa R\$ 500 para compras pessoais. Usa como estratégia de propaganda anúncios de jornal com chamadas do tipo: “Recém-chegada do Brasil” ou “Curta temporada”, atraindo muitos clientes. Quando retorna ao Brasil, usa do mesmo expediente, com anúncios em jornais do tipo “Recém-chegada da Europa” ou “Curta temporada no Brasil” para angariar um roll de clientes maior. Sempre viaja com um objetivo definido. Certa vez, ao retornar diz ter comprado um carro novo a vista e diz às vizinhas que comprou financiado para não levantar suspeitas. Em outra temporada, conseguiu dinheiro para mudar a prótese de silicone. Geralmente, não diz das suas viagens. Quando questionada pelos vizinhos e/ou conhecidos, relata que passou um tempo na casa de parentes em São Paulo ou coisa semelhante.

executores da prostituição, mas também por seus frequentadores. O que parece conduzir a tal condição consiste no fato de que nesses estabelecimentos existe, senão a eliminação, pelo menos a minimização dos riscos oriundos do exercício da prostituição, sobretudo o contágio por doenças sexualmente transmissíveis. Tal percepção parece justificar, inclusive, o valor diferenciado cobrado nos programas, geralmente maiores do que os recebidos nas ruas (MENEZES-SANTOS e RIOS, 2009).

Para se compreender a lógica do bordel/proteção e da rua/perigo, Rios, Meneses-Santos et ali (2009) retomam os estudos sobre a classificação das mulheres de classes populares sobre essas duas categorias (a casa e a rua) que servem à orientação de suas práticas nas atividades cotidianas.

[...] ao que parece, no caso do trabalho/exploração sexual no município há uma superposição da lógica simbólica (casa/rua) que rege a classificação de mulheres, para as que estão na prostituição, ou mais próximas ao âmbito da rua, de modo que o bordel parece se afigurar, simbolicamente, como uma espécie de casa, ainda que no âmbito da rua. Uma casa que, de alguma forma, protegeria as mulheres da vida e os homens que recorrem aos seus serviços (MENEZES-SANTOS e RIOS, 2009:43).

No contexto da prostituição viril no Recife, percebo que essa superposição da lógica simbólica casa/rua aplica-se perfeitamente ao exercício da michetagem, definida pela superposição sauna/rua. Nesse sentido, as saunas figuram como espaços de proteção tanto para os boys quanto para os clientes. Nesses espaços, observa-se a existência de toda uma logística que favorece e/ou define os cuidados relativos às posturas adotadas pelos boys de programa, inclusive no que se refere à utilização do preservativo durante a realização dos programas. Outro fator que se destaca nesse quesito proteção refere-se à presença dos seguranças, que podem agir no sentido de repreender comportamentos agressivos ou desordens, muitas vezes motivados pelo uso excessivo de bebidas alcoólicas ou ainda por motivos de natureza distinta que não correspondam ao protocolo do estabelecimento.

Ainda sobre a lógica dos bordéis, outro aspecto semelhante refere-se à possibilidade de, nas saunas, os boys de programa obterem maiores ganhos financeiros, uma vez que os valores cobrados nesses espaços são bem mais elevados do que os cobrados nas ruas da cidade. Verifica-se, então, que no caso da prostituição em espaços de domínio público, especificamente a rua, como já salientado, o exercício da michetagem assumirá outros contornos dentro de uma dinâmica específica.



### **CAPÍTULO 3 – “É TUDO PSICOLÓGICO”: TÉCNICAS DE SI NO NEGÓCIO DO SEXO**

No capítulo anterior, aponte os principais elementos que constituem o mercado do sexo entre homens no Centro do Recife. Nesse contexto, abordei o espaço privado de duas saunas e o espaço público das ruas do Centro do Recife, enfocando os estabelecimentos comerciais que dão guarida às transações, a oferta dos corpos e as negociações, bem como aos contatos sexuais de maior proximidade e aos atos sexuais propriamente ditos. Discuti como marcadores de classe se inscrevem na organização das saunas, no perfil dos clientes e também no perfil e performance dos boys de programa. Do mesmo modo, descrevi o comércio sexual das ruas, onde a oferta e o contrato de serviços se estabelecem misturados a outras modalidades de comercialização e produtos. Aponte para o modo como esses espaços são significados e como tem se organizado o plano das negociações iniciais no mercado do sexo.

Nesse capítulo, pretendo, à semelhança de Foucault (1988), “esboçar uma história das diferentes maneiras nas quais os homens em nossa cultura, elaboram um saber sobre eles mesmos”, mas não em termos de discursos institucionais como fez o autor, mas a partir da psicologia comum (BRUNER, 1990) compartilhada pelos boys de programa que observei e com os quais conversei. Assim, analisarei um conjunto não sistematizado de saberes e técnicas dos quais os boys se utilizam para compreenderem aquilo que são.

No tocante às técnicas, Foucault (1988) as apresenta em quatro categorias distintas: 1) técnicas de produção; 2) técnicas de sistemas de signos; 3) técnicas de poder; e 4) técnicas de si. Contudo, tal separação surge, no meu entendimento, apenas por questões metodológicas visto que existe uma interação constante entre esse conjunto de técnicas. No entanto, nesse contexto me deterei apenas as técnicas de si.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Para explicar as técnicas de si, Foucault (1988) recorreu ao esboço da evolução da hermenêutica de si no contexto da filosofia Greco-Romana, presente em parte dos dois primeiros séculos do Império Romano; como também ao esboço da espiritualidade cristã e aos princípios monásticos dos séculos IV e V. No esboço da espiritualidade cristã, percebeu no

Essas técnicas de si permitem aos sujeitos, individualmente ou não, efetuarem certas alterações em seus corpos, almas, pensamentos, condutas, seus modos de ser e de transformarem-se no intuito de atender a certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. Partindo desse princípio, analiso como os boys de programa no Recife modelam seus corpos, almas, pensamentos, condutas e modos de ser, objetivando a inserção e adequação ao mercado homoerótico da região. Busco assim, apresentar como esses desenvolvem semelhante modelagem e, sobretudo como estas se revelam em peculiaridades e similitudes, considerando suas dinâmicas e interações constantes.

Nesse caminho, pretendo refletir sobre os modos como os boys envolvidos no negócio do michê no Recife modulam seus corpos para torná-los afeitos ao mercado do sexo, na forma como este tem se organizado no centro do Recife. Assim explorarei, à luz dessa discussão, os dados coligidos no meu próprio trabalho de campo. Para tanto, na primeira parte deste capítulo, esquematizo as balizas que orientam às práticas homossexuais no Brasil e, de alguma forma oferecem referenciais para organizar o trabalho sexual masculino; em seguida apresento o negócio do sexo em três etapas – exposição da mercadoria, negociação do preço e transação sexual; em

---

“Conhece-te a ti mesmo” uma das formas de explicação. Seguindo seu raciocínio, percebe-se que existem muitas razões que explicam que o “conhece-te a ti mesmo” eclipsou o “cuida de ti mesmo”. Nesse contexto, em primeiro plano é preciso considerar que os princípios morais da sociedade ocidental passaram por uma profunda transformação na época. Experimentou-se a dificuldade em fundamentar uma moral rigorosa, com princípios austeros acerca do preceito de que devemos nos preocupar mais conosco do que com qualquer outra coisa. Segundo o autor, Inclino-nos, em princípio, a considerar o cuidado de si como qualquer coisa de imoral, como um meio de escapar a todas as regras possíveis. Herdamos isso da moral cristã, que faz da renúncia de si a condição da salvação. Paradoxalmente, conhecer-se a si mesmo constituiu um meio de renunciar a si mesmo. Assim, salienta que ao herdarmos uma tradição secular que fundamentou a moral através da lei externa, abre-se espaço para se questionar até que ponto o respeito que se tem por si mesmo pode constituir-se na base da moral? Por tanto, se somos os herdeiros de uma moral social que fundamentou as regras para o comportamento aceitável nas relações com os outros e se, ainda, a moral só se estabeleceu como objeto de uma crítica em nome da importância do reconhecimento e do conhecimento de si depois do século XVI, torna-se difícil imaginar que o cuidado de si pudesse ser compatível com a moral. Seguindo esse raciocínio, ele afirma que: “conhece-te a ti mesmo” eclipsou “cuida de ti mesmo” porque nossa moral, uma moral do ascetismo, não parou de dizer que o si é a instância que se pode rejeitar. É nestes termos, que o princípio do cuidar de si, tornou-se impróprio, e sob o peso da moral cristã cedeu ou perdeu espaço para a idéia de que a renúncia de si era a salvação.

seguida, e à luz de Foucault (1994), discuto as técnicas utilizadas para que o boy situe seu corpo em acordo com as expectativas do cliente, neste âmbito, o exercício mental, e a modelagem dos corpos para o orgasmo, ganharam destaque analítico.

### **3.1. Roteiros de Parcerias Sexuais e o Mercado do Sexo**

Vários autores já discutiram como, na organização de parcerias sexuais entre os homens, um elemento fundamental é o modo como se constitui subjetivamente e são hierarquizadas socioculturalmente as fontes privilegiadas de prazer corporal.

Conforme salienta Rios (2004), estas ganham destaque no ânus/passivo e o pênis/ativo, mas se espalham pelo resto do corpo numa cartografia de partes erotizadas comumente articuladas em penetrações de partes “côncavas” do corpo/ativo e recepções pelas partes “convexas”/passivo.

Ainda que discursivamente muitas vezes essas posições sejam significadas como opostas e incompatíveis em uma mesma pessoa – em especial nos “homens mesmos” que devem ser exclusivamente ativos –, os homens com práticas homossexuais escutados por diferentes pesquisadores (SOUZA NETO, 2009 e FABREGÁZ-MARTINEZ, 2002) apontam que na verdade, ativo e passivo não são posições fixas.

Tal posicionamento é apresentado pela trajetória de vida dos informantes de Rios (2004), uma vez que estes sugerem que uma pessoa pode iniciar a carreira sexual como ativo e ao longo da vida experimentar a outra posição, ou vice-versa. Em alguns casos, o uso das duas posições pode ser acionado por uma mesma pessoa numa mesma interação sexual. Ao analisar essas trajetórias, nos chama a atenção para o fato de que o par “atividade/passividade” possui outros desdobramentos no âmbito dos gêneros.

[...] Muitas vezes, para assinalar estas fontes de prazer, ou para disfarçá-las, os atores sinalizam supostos gostos eróticos – porque, por sua vez, são valorados hierarquicamente como masculinos (penetrativo/pênis) e femininos (receptivo/ânus) – utilizando-se, na vida pública não-erótica, de alguns marcadores performáticos dos gêneros. Na verdade, ressalto, em boa parte das vezes, tal sinalização mais dissimula do que revela (RIOS, 2004).

O autor também chama a atenção para o que denomina “superposição de ordens roteiradas, compondo uma múltipla categorização dos agentes, (...) do âmbito de uma quarta ordem, (...): falo das identidades de gênero como as da *bicha* e do *bofe*”. Diz Rios (2004:131):

O “bofe” (...) performa o masculino hegemônico (que por sua vez é apreendido como do âmbito da heterossexualidade), percebido no senso comum das classes populares como portador da sexualidade penetrativa. A “*bicha*” é pensada nessas mesmas classes populares como uma tradução para o termo homossexual, contudo, ao invés de caracterizar uma orientação sexual, como no discurso médico, assinalaria uma “posição na cama”, a receptividade nas relações sexuais, o que por sua vez vai se revestir de performances femininas (ou efeminadas) no âmbito da vida pública.

Ainda segundo Rios (2004), na comunidade entendida, o termo *bicha* serve a múltiplos usos, sendo utilizado, na maior parte do tempo muito mais como sinalização de graus de amizade que por posições na cama:

“Os amigos são bichas, ainda que performem a “bofecidade”, e os outros são bofes (desde que não sejam efeminados), até que alguém prove o contrário, ou que se tornem também “amigas”” (RIOS, 2004: 131).

Também a esse uso, acresço o termo “a senhora”, comumente utilizado na comunidade entendida do Recife como forma de sinalizar relação de amizade.

Rios (2004) prossegue chamando a atenção para as contradições do modelo, em especial quando um observador desavisado se baseia nas ligações estabelecidas pela hegemonia entre sexo, gênero e sexualidade:

passividade anal/homens efeminados = bichas; atividade peniana/homens masculinizados = aos bofes. Diz ele:

[...] Como bem apontam as práticas sexuais de maior proximidade corporal (me refiro ao *baco* e à *sarração*), quando acontecem nos espaços públicos socialmente constituídos para as interações sexuais entre homens [...], nem sempre as práticas sexuais efetivamente “encenadas” funcionam de forma congruente com a interpretação dos que estão “de fora”, a partir das performances de gênero anteriores e posteriores ao ato sexual propriamente dito – por exemplo, e levando para os extremos das performances públicas, nem sempre um travesti é o penetrado na interação com o seu cliente, ainda que este último, muitas vezes, entre e saia da cena sexual enquanto homem mesmo. (RIOS, 2004: 131).

O esquema e suas contradições, como apontados por Rios (2004), parecem no meu ver se atualizar no negocio do michê do Recife. Como já sinalizei, os homens de negócio (do sexo), no agenciamento de seus corpos, em geral performam o bofe do esquema traçado. Não obstante, não se deve pensar, como alude o próprio autor, que todos os clientes são bichas – em termos de performances efeminadas ou de sentir prazer sendo receptivo no sexo anal. Uma mutiplicidade de arranjos de gênero-erotismo por parte dos clientes cria um contexto mais amplo, que pede, do outro lado, homens negociando outras práticas que não apenas aquela inferida por alguém menos afeito à dinâmica do campo pela performance pública dos boys.

### 3.2. O Processo do Negócio do Sexo

Ainda que a contradição esteja posta, é importante dizer que o corpo do michê é o corpo masculino hegemônico. Para o negócio, é esse o corpo que importa. Como diria Judith Butler (2002), o modo como se materializa possui mais legitimidade.

É o que ocorre em especial, quando se pensa que sua fundação em termos de erotismo – preferência sexual por mulheres – pede para que possam transitar por outros espaços onde performances femininas de gênero seriam estigmatizadas. Assim, a materialidade boy se inscreve no interstício que se forma na interpenetração entre o machismo hegemônico e a cultura entendida.

É nesse quadro mais amplo - onde a homofobia generalizada dá o tom para que uma hierarquia sexual (RUBIN, 1998) se institua e categorize de forma positiva a atividade peniana – comer – e de forma negativa a passividade anal – ser comido -, lida e dita a partir da pragmática do gênero, masculinidade/boy e feminilidade/bicha - que se abre o espaço para o negócio do michê.

Para efeitos analíticos, dividi o processo em três partes, onde o boy é o agenciador direto de seu próprio corpo e dos prazeres que pode oferecer. Em outras palavras, no negócio do sexo masculino adulto executado pelos homens que observei e escutei, mercadoria e vendedor são uma só coisa. São as etapas do Negócio: Exposição da mercadoria; Acerto do negócio; Transação sexual.

#### 3.2.1 Exposição da Mercadoria – O Servidor e o Serviço do Sexo

[...] O cara tem que tá muito ligado pra fazer um negócio desses (michetagem de rua). Se eu olho pra dentro do teu carro, você não vai parar seu carro na minha frente e vai dizer:

quanto é? Não! Por que ele sabe que eu sei quem ele é. Você não vai chegar e dizer: e aí, bora fazer programa? É num olhar. É num piscar de olho, num sinal, numa seta, quantas vezes você passa na rua. Pronto... se você passa pela rua e faz o retorno pela mesma rua, passa devagarzinho olhando. Tudo isso, pequenos detalhes” (LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO).

No momento da exposição da mercadoria, é preciso atentar para o fato de que incontáveis movimentos corporais empregados nas interações, tais como gestos, mímicas, posturas e deslocamentos, dizem de uma afetividade individual que se enraíza na afetividade coletiva, partilhada pelo conjunto de boys (LE BRETON, 2009). De outro modo, existe todo um repertório gestual marcado por posturas, olhares e atitudes que orquestram o movimento dos corpos no contexto da prostituição.

No capítulo anterior, descrevi a coreografia corporal que os boys executam para demonstrar a virilidade esperada e, ao mesmo tempo, se singularizar de modo a valorizar o produto que quer oferecer ao consumo dos possíveis clientes. Assim, tanto nas ruas como nas saunas desfilam aos olhos dos clientes uma enorme variedade de peitorais, abdômens, bíceps, tríceps, coxas e pernas, explicitados em corpos malhados, desnudos ou encobertos por roupas justas que objetivam salientar peitos, bundas e pênis.

Em ambos os espaços, em círculos de boys e clientes, as conversas giram sempre em torno da manutenção desse corpo e de como este pode e deve ser utilizado no decorrer das interações sexuais. Assim, esses corpos parecem modelados e descritos não apenas como peças de exibição, mas preferencialmente como objetos para consumo. São corpos subjetivados como produto mercadológico e objetificados como fonte de prazer.

Todavia, apesar de o corpo como um todo servir como atrativo, percebi que as fontes privilegiadas de prazer corporal encontram-se, sobremaneira, situadas nas zonas erógenas. Adereços do corpo e no corpo; toalhas; manipulações; posturas e vestes devem ressaltar as partes mais cobiçadas, porque atualizam as categorias postas em trânsito (boy/bicha; ativo/passivo;

homem/mulher; feminino/masculino): a bunda e o pênis. Especificamente o pênis, no que se refere à dimensão, tamanho e espessura, bem como sua utilização, mostra-se como tema recorrente nas pautas de muitas conversas entre os grupos de boys, grupos de clientes e grupos de boys e clientes. Voltarei a me referir a essas partes do corpo e seus múltiplos sentidos mais adiante.

Nesse contexto mercantilizado, o boy estabelece valores para partes dos corpos que serão acionadas na transação e para práticas sexuais (felação<sup>22</sup>, cunete<sup>23</sup>, etc.). Mas, se os preços variam de acordo com o freguês, também é preciso verificar se ele terá condições para pagar a transação de modo que o boy não venha a sair no prejuízo. Assim, o dinheiro é o “fio condutor” de todo o processo, se atualizando também nesse primeiro momento, o que pode ser significado como um flerte.

Fundado na troca de olhares, é o flerte ou azaração (RIOS, 2004) quem vai modulando o pré-contrato que deve estar esboçado quando o registro linguístico mudar do gesto para a fala, no segundo momento do processo.

Vale destacar que, ainda que estejamos tratando sobre um negócio, o recurso ao ideário amoroso se interpõe no trabalho sexual de forma a erotizar a situação – afinal é na ordem do amoroso onde a sociedade ocidental inscreve o prazer sexual que se quer comprar e/ou vender no negócio do sexo. Assim, o recurso da sedução precisa se atualizar ao mesmo tempo como estratégia de marketing e de provocar as primeiras excitações que levarão à concretização da transação no ato sexual.

Nesse âmbito, o olhar é o primeiro recurso sensorial acionado para avaliar os homens-corpos. Também é ele quem primeiro demonstra o interesse do cliente pelo michê, e por partes de seu corpo, acenando para o desejo sempre marcado pelos descritores acima mencionados (ativo/passivo: anus/boca/pênis). Assim, um cliente que olhar muito para o pênis do boy sinaliza que gosta de práticas em que seja penetrado; olhar para a bunda pode sinalizar que se gosta de ser ativo na cama.

---

<sup>22</sup> Felação: sexo oro-peniano.

<sup>23</sup> Cunete: sexo oro-anal.



Mas se o cliente olha, o boy também deve se engajar nessa troca comunicativa e falar por meio dela que está disponível; também deve falar dos atributos que quer disponibilizar na transação sexual. Assim, olhar nos olhos do cliente e desviar o olhar para baixo, alternadamente, pode sinalizar o interesse em uma transação, ao mesmo tempo em que chama a atenção para o pênis como um importante atributo para fechar o negócio.

Nessa linha, nos lembra Le Breton (2009) que pousar o olhar sobre o outro não é um acontecimento anódico, pois este favorece e se apropria de algo para melhor ou pior.

[...] Pode-se dizer que ele seja imaterial, inobstante, que aja simbolicamente. Não é somente um espetáculo, e sim o exercício de um poder (LE BRETON, 2009:215).

Verifica-se que em determinadas situações e condições o olhar do outro contém certo e temível poder metamorfoseador, tornando-se sempre uma experiência afetiva que pode provocar consequências físicas, tais como aceleração da respiração, elevação da pressão arterial e tensão psicológica. Assim, pode-se dizer que os olhos do outro tocam metonimicamente o rosto e atingem o sujeito no seu todo (LE BRETON, 2009). E isso é bem verdade no negócio do michê, o famoso olhar 43, sinalizador de desejos, capaz de fazer o outro se sentir inteiramente despido, é recurso corrente entre michês e clientes – contribuindo para instituir o clima de excitação sexual, necessário para que o negócio chegue a bom termo.

Mas o olhar não se desvincula da atitude global que mobiliza a integralidade do corpo. Nesse sentido, o autor destaca que a tonalidade afetiva se traduzirá tanto pelos movimentos do corpo e do rosto quanto pela qualidade e duração, bem como pela direção do olhar (LE BRETON, 2009:224). Dessa forma, diria que o olhar, ao se solidarizar com a maneira de ser diante do outro, não se torna um fator de análise destacável ou efetivo independentemente, tanto que no universo da prostituição viril esse olhar não figura apenas como

instância que serve a identificação, mas também à atribuição de sentidos, positivo ou não, em relação aos boys de programa. Assim, enquanto instância, o olhar do outro retira ou confere valor. O olhar do boy ou do cliente traduzirá expressões necessárias para confirmar simbolicamente a possibilidade de mútua escolha.

[...] Na relação com o outro, o olhar é fortemente apreendido como experiência emocional, ele é sentido como uma marca de autoreconhecimento: suscita no locutor o sentimento de ser apreciado e lhe informa sobre a intensidade do interesse do auditório por sua palavra (LE BRETON, 2009:225-226).

Mas o olhar 43 do boy não se configura como única estratégia para o flerte, ele vai ser articulado como um conjunto maior de gestos. Le Breton (2009) lembra que o “corpo não é o primo pobre da língua”, mas seu parceiro homogêneo na permanente circulação de sentido, a qual consiste na própria razão de ser do vínculo social (LE BRETON, 2009:42).

O processo de comunicação não encontra no corpo uma presença imparcial, quando não fria e distante, muito pelo contrário, a força daquilo que nomeamos de “não-verbal” se faz presente e merece ser reconhecida no complexo processo de comunicação do qual os sujeitos, interlocutor-receptor, estão inseridos. Marcados pela cultura e pelas subjetividades dos envolvidos, os processos de comunicação encontram-se orientados por um repertório não apenas linguístico e gramatical, mas também sob um repertório gestual específico. Nesse cenário, o corpo emerge e torna-se visível como elemento ativo no processo de comunicação.

[...] A substância semântica do corpo não é o som, mas os gestos, mímicas, posturas, olhares, deslocamentos e os distanciamentos do outro ou de um objeto, ou seja: o corpo transmite significados por intermédio de manifestações impregnadas de ambigüidade [...]. Os signos traçados pelo corpo são menos preciosos, são polissêmicos, e se revelam mais ambíguos do que a linguagem articulada (LE BRETON, 2009:45-46).

Fato semelhante é percebido no universo da prostituição masculina. Existe uma espécie de protocolo, fortemente orientado pelo princípio da automanipulação, que é marcado por olhares tanto de clientes como dos próprios boys. O apalpar do pênis, ereto ou não, seja por sobre as calças ou bermudas justas usadas durante a batalha nas ruas, ou sobre a toalha usada nas saunas. Nestas, muitas vezes as toalhas são dispensadas, em situações simuladas pelos boys com único objetivo de se mostrarem nus e evidenciar o tamanho do pênis. Esses movimentos de automanipulação parecem sinalizar o quanto essa parte do corpo constitui-se no imaginário dos boys como signo de prazer para os clientes.

Assim, “pegar no pau”, oferecer ou pedir cigarro, sentar para beber, entre outros, demarcam gestos que se configuram como estratégias de aproximação e interação entre boys e clientes. Essa comunicação corporal revela um repertório linguístico diverso e peculiar ao mercado sexual.

Mas, não devemos perder de vista que essa etapa inicial de aproximação entre boys e clientes, marcada por todo um repertório gestual de sedução erótica, possui uma dimensão comercial que a possibilita e constitui. Santos (2008), ao analisar a importância de se observar o diálogo estabelecido entre corpos de clientes e michês nas saunas de São Paulo, argumenta que é por meio dos corpos que se objetificam os desejos e as relações de poder entre quem compra e quem vende prazer. Destaca que a conformação física de cada boy indicará marcadores de diferenças e de subjetivação e os tornará mais ou menos desejáveis aos clientes. Numa mesma perspectiva, os clientes, por sua vez, tentam salientar os atributos dos corpos envelhecidos, destacando a acentuação abdominal, cabelos grisalhos e nádegas ainda tesas que podem indicar ascensão social e poder econômico.

Rios (2004), nessa mesma linha, aponta como as diferenças etárias, articuladas por inscrições socioeconômicas que situam no par estabelecido e não-estabelecido financeiramente, organizam não só o negócio do michê, mas mais amplamente as parcerias homossexuais não comerciais. Percebo, então, que no negócio do michê a idade cronológica dos corpos assume e se oferece como uma espécie de linguagem para falar de dinheiro, inserção profissional e

classe, configurando-se como atributo não-verbal nas negociações entre os boys de programa e os clientes. É esse código não-verbal que permite inferir se o cliente tem condições de pagar o programa e se vale a pena investir e/ou dar continuidade ao flerte estabelecido.

Nesse âmbito, também há uma avaliação recíproca dos hábitos de higiene, os cuidados com a apresentação pessoal, indumentárias e comportamentos, que se tornam fatores fundamentais para as interações sexuais e efetivação dos programas. Nessa linha, um dos boys entrevistados, ao ser questionado sobre o que nos corpos dos boys é mais valorizado, declara:

[...] Eu valorizo o corpo, se é limpo, bem tratado; é isso que o cliente observa no boy. [...] O corpo, o rosto, está entendendo? Às vezes, tem a pessoa (o cliente) que vai abordar a outra pessoa (o boy) porque já conhece assim de outras pessoas, um boy assim chique, um cara super legal, limpeza (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

### **3.2.2. Acerto do Negócio – O Serviço e o Preço**

A etapa da oferta da mercadoria é, diria, também um momento de avaliação de crédito. O boy, ao mesmo tempo em que se oferece ao cliente, o avalia em seu potencial para pagar o programa. Se o crédito, expresso no modo de ser do cliente, é aprovado, há um reforço da coreografia sedutora por parte do boy – já melhor destacando a exibição dos pontos cobiçados pelo olhar do cliente –, de modo a incrementar as primeiras excitações que darão mais elementos para valorizar o produto em preço quando da concretização do negócio.

Esse jogo de sedução e excitação é acentuado por pedidos de mostrar tal ou qual parte, toques e apalpações. No acerto do programa, afinal, do início

ao fim, é preciso regular a excitação do cliente – é ela, quando ao final resulta em prazer sexual, que justifica o preço do programa.

Ressalto ainda, que essa é uma etapa ainda permeada por olhares e gestos; mas onde toques também são usuais; além deles, é preciso inscrever tudo o que se passa, em um plano não-verbal, no verbal. No acerto do negócio, são definidos: onde acontecerá a transação, e o que irá acontecer em termos de práticas sexuais; do mesmo modo os valores negociados e pagos por cada uma das práticas, por conjunto delas ou por todas juntas.

[...] Eu digo meu preço: entre R\$ 30,00 e R\$ 40,00. Rola tudo, menos ser penetrado. Posso beijar o corpo todo, chupar os peitos dela (cliente masculino), dar umas mordidinhas na bunda. Chupar ele não chupa! ... Isso aí pode acontecer, mas se rolar... rolar um dinheiro a mais, está entendendo? [...] o boy não chupa, só se rolar um dinheiro a mais. [...] Esse dinheiro a mais é de R\$ 20,00, R\$ 15,00. Também a gente vai por certos tipos de pessoa, se a gente conhece aquele tipo de pessoa que tem dinheiro e aquele certo tipo de pessoa que não tem, está entendendo? Pra também não querer explorar (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Como já apontei, e o relato de Pedro exemplifica, o estabelecimento dos valores dos programas também está submetido à avaliação que o boy faz da condição socioeconômica do cliente, e esta ocorre, muitas vezes, antes mesmo da primeira conversa. Para tal avaliação, eles estabelecem critérios que definem qual cliente tem condições de pagar o valor a ser cobrado pelo programa ou será necessário estipular valor passível de negociação. Dentre estes critérios saliento aqui o que é muito frequente no caso da prostituição de rua, o modelo do carro em que o cliente chega para a abordagem, além da indumentária, adornos e adereços, gestos e posturas corporais<sup>24</sup>.

Seu relato sugere ainda que as primeiras contradições entre desejos do cliente e possibilidades de realização pelo trabalhador começam a se visibilizar (e se resolver) no âmbito mesmo da negociação do sexual. Ele inicia

---

<sup>24</sup> Ver Souza Neto, 2009.

sublinhando que cada prática tem seu preço, mas que não se deixa ser penetrado (analmente). Sugere uma cartografia de partes e de práticas feminilizantes – na medida em que sua boca tocaria partes do corpo do cliente, até chegar perigosamente de uma atividade explicitamente passiva/feminilizante: chupar o pênis do cliente. Ele não nega que realiza a prática feminilizante, mas para neutralizar lança mão do “dinheiro a mais”, que justificaria e legitimaria seu deslocamento de posição erótica no negócio do sexo.

Percebo que no contexto da prostituição viril o monetário é o elemento que ao mesmo tempo serve como combustível, é fio condutor na negociação do prazer. Para os boys entrevistados, esse monetário mostra-se significativo como objetivo maior da relação com o cliente.

[...] teve momento assim, de ficar, né? Por causa das dificuldades, sem dinheiro assim, essas coisas. Comecei a fazer programa. Assim, pra arranjar dinheiro, tal... (JOÃO, BOY DE PROGRAMA, 28 ANOS, MORENO CLARO)

Recordo-me do dia, ou melhor, da noite, quando eu acompanhado de mais dois amigos, por volta das 3:00 horas da madrugada, aguardava o melhor momento para entrarmos num bar localizado nas imediações da Praça Marechal Oliveira Lima. Um boy moreno, magro, alto, usando calça jeans e camisa de malha no ombro, um dos meus informantes, se aproxima fumando um cigarro e, despretensiosamente, começa a desenvolver uma conversa informal. Entre um assunto e outro, a certa altura ele deixa escapar em tom de deboche que já se apaixonou por um cliente fixo. Nesse caso, um idoso com quem se encontrava todas as quintas-feiras e recebia R\$ 150,00 por programas rápidos e pouco cansativos. O boy destaca que nesses encontros precisava apenas se masturbar e que a relação se manteve por mais de um ano, até que o cliente sumiu.

[...] talvez tenha morrido por ser tão velho... (LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO).

Outro relato que também evidencia a importância atribuída por esse boy ao monetário emerge no tocante à aparência física dos clientes. Segundo ele, não importa se o cliente é feio ou bonito, mesmo tendo revelado certa predileção por um biótipo específico, no caso, homens jovens e atléticos.

[...] Não importa a cara do cliente, eu não vou estar vendo mesmo. Ele vai estar de quatro. [...] O que vale é o dinheiro (LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO).

Esses depoimentos me levam a pensar no quanto o monetário parece apresentar um caráter definidor da inserção dos homens no contexto da prostituição viril. Definidor não apenas de quais práticas deverão ou não constar na contratação e realização do programa, mas sobremaneira de como este influenciará na configuração do processo de excitação e no prazer no negócio do michê.

Nesse sentido, a prostituição na perspectiva de alguns boys surge no vácuo da necessidade de sobrevivência para legitimar e validar a prática comercial. Contudo, observo que suas falas se encontram fortemente marcadas pelo discurso moral, que é, sobretudo, oriundo do senso comum da sociedade para atribuir à michetagem uma condição de prática indigna. Durante conversa informal sobre os sentidos do monetário no negócio do michê, realizada com três boys de programa, sentados à mesa de um bar no centro da cidade, um deles destacou:

[...] Eu acho que a necessidade está acima de tudo, obriga a gente a fazer muita coisa, porque se eu tivesse um trabalho digno eu não estaria aqui não. Eu vou em busca, velho; eu vou sair dessa vida; isso não é vida para mim não (JOÃO, BOY DE PROGRAMA, 28 ANOS, MORENO CLARO.)

Lembro claramente da sua expressão de espanto, o qual, se utilizando de uma retidão moral no discurso, evidencia uma possível relação, ainda que sutil, entre sujeira, imoralidade e prostituição viril.

[...] Como minha mãe pode aceitar dinheiro de “putaria”?  
(JOÃO, BOY DE PROGRAMA, 28 ANOS, MORENO CLARO).

Quero ainda voltar às negociações entre o valor simbólico e monetário do pau e do cu no negócio do michê. Segundo Santos (2008), nas saunas paulistas que estudou, o tamanho do pênis, quando “avantajado”, indicará ao cliente a suposta potência viril do boy. Nesse sentido, a valorização de suas dimensões, como símbolo de superior masculinidade, reafirma o lugar do pênis como uma das zonas privilegiadas de prazer e cobiça.

“Michês mais “bem” dotados, com corpos mais bem trabalhados, “malhados”, com membros sexuais considerados maiores que a média pelos clientes, tem mais poder de negociação, tanto no ganho monetário como em posições sexuais...” (SANTOS, 2008).

Contudo, Souza Neto (2009), ao analisar o processo de construção e estruturação das performances de gênero entre os homens que se prostituem nas ruas do Recife, destaca que o dilema envolvido nas relações de poder envolvidas no exercício da prostituição masculina encontra-se centrado no ânus e não no pênis.

Como já apontei, tanto nas saunas quanto nas ruas do Recife, pude verificar que na linguagem simbólica dos corpos de boys e clientes, os trabalhadores sexuais são subjetivados por meio das configurações da



masculinidade hegemônica – se querem bom preço no mercado<sup>25</sup>. Meus dados corroboram as interpretações de Souza Neto (2009), ao destacar que se, socialmente, para os boys de programa o sexo assume uma representação valorativa estabelecida e justificável pela relação de troca e ganho econômico, a honra do boy, muitas vezes, parece se concentrar única e exclusivamente no ânus, que muitas vezes se configura como zona privilegiada de prazer geradora de conflitos.

Salientando que, sob o peso simbólico dos significados socioculturalmente construídos na sociedade mais ampla, o ânus é reconhecido como zona proibida para os homens que queiram ser vistos como viris. Dessa forma, o ânus surge como zona privilegiada de prazer tanto para os ativos, que os cobiça, quanto para os passivos, que obtêm prazer ao serem penetrados. Ele deverá sempre ser apresentado sob a aura de certo resguardo pelo boy, para garantir o reconhecimento público da masculinidade. Dentro de uma lógica heteronormativa dos papéis de gênero, entre os boys: “um homem não se torna ‘frango’<sup>26</sup> por comer outro homem, mas sim por dar para outro homem”. Do mesmo modo, o resguardo do cu, mais bem capitaliza o boy quando deparar com um cliente ativo

[...] é neste sentido que a região anal se configura enquanto símbolo de força e cobiça, tanto que no universo da prostituição masculina o boy, muitas vezes, cobra e ganha mais para ser penetrado (SOUZA NETO, 2009).

[...] o cara pode passar a noite toda “bombando” no meu rabo. Mas eu não fico de pau duro. (JOSE, BOY DE PROGRAMA, IDADE NÃO REVELADA, NEGRO)

No âmbito dos sentidos atribuídos à mediação monetária, no que diz respeito aos valores negociados para os programas pelos boys do Recife, identifiquei que em linhas gerais, estes oscilam numa média entre R\$30,00 a

---

<sup>25</sup>Sinalizo que essa lógica não é adequada para falar das travestis, onde o mercado do sexo se organiza a partir de uma metáfora de feminilidade (cf. ).

<sup>26</sup>“Frango”: forma pejorativa, oriunda do senso comum, de se nomear o homossexual masculino em Pernambuco.

R\$ 50,00. Após negociação dos valores, como dizem os próprios boys: “rola tudo”, ou quase tudo, visto que as práticas sexuais precisam ser previamente negociadas. Dentre elas, se destacam as práticas envolvendo sexo oral, sexo anal (via penetração do cliente) e até mesmo a ejaculação, que muitas vezes só ocorrerão mediante negociação e pagamento de valores extras (SOUZA NETO, 2009).

Percebo, então, espaço para a identificação de outros entrelaces entre o prazer e o monetário, sobretudo quando me refiro às práticas sexuais focadas no intercuro anal via cliente, onde o boy se permite ser penetrado.

[...] O boy que cobra o preço a mais, ele não gosta de dar; ele só dá por causa do dinheiro; mas aquele que não cobra dá porque gosta; ele sente prazer de dar mesmo (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Numa situação onde será solicitada ao boy de programa uma inversão de papéis ou posicionamentos sexuais no intercuro sexual com o cliente, serão negociados valores monetários maiores. O dinheiro, nesses casos, aparece como mediador e recurso de autorização da prática proibida. Ao ser transformado numa espécie de objeto animado, assumirá significados que irão além do valor material (RUSSO, 2008; In. SOUZA NETO, 2009).

[...] no contexto da prostituição, o dinheiro é transformado em mediador por excelência das relações, aparecendo como ponto focal, à chave e a meta do ato de prostituir-se, no qual, ao trocar sexo por dinheiro o macula e justifica ao mesmo tempo (RUSSO, 2008).

Importante destacar no relato acima que nesse sentido o prazer e a excitação aparecem desvinculados, uma vez que no discurso do boy o prazer também aparece justificado pelo dinheiro recebido. Contudo, sua excitação não é comprada, e por isso não consegue “ficar de pau duro” durante o ato de ser

penetrado pelo cliente. A não-excitação parece reforçar o auto-reconhecimento desse sujeito como não-homossexual.

### **3.2.3. Transação Sexual**

Os dilemas do negócio do sexo, vivido pelos homens que investiguei, parecem alcançar maior dramaticidade na cena da transação sexual. No momento da negociação e, posteriormente, na cena sexual propriamente dita, dois dilemas surgem para os boys, em especial para os não-gays identificados. Como mostrei, um dos que ganham maior visibilidade é o de resolver os impasses indentitários que “o dar o cu” provoca subjetiva e socialmente. Sobre ele, já apontei que se constitui e se resolve pela mediação monetária, que ganha o signo de grande motivação e desejo, que leva o boy para a batalha e o mantém na ativa.

Negócio fechado, em geral se parte para um espaço de maior privacidade (o carro, a cabine, um cantinho na rua, ou um quarto de motel). Nesse momento, é não só preciso manter a excitação do cliente, de modo a que ao final ele goze e sinta que seu dinheiro foi bem empregado; mas, e porque, em geral, a satisfação do cliente depende disso, é preciso constituir e manter a própria excitação ao longo do intercurso sexual.

Temos então o segundo dilema, que antecede o primeiro: como se manter de “pau duro” desde o flerte até que o cliente goze (ejacule) sinalizando que obteve prazer. Mesmo nas relações onde o boy é o passivo, manter-se de pau duro é um sinalizador de que se está tendo prazer com a interação sexual, o que para muitos clientes é o elemento que mantém a aura de sedução e do jogo amoroso que sustentará a sua excitação.

Um modelo alternativo de interação, que apresenta elementos sadomasoquistas é aquele onde o boy, ao invés de apresentar na cena sexual uma performance gestual fisionômica de prazer amoroso, encena a dor de

estar sendo subjugado por outro homem. Não obstante, ainda é o pau quem expressará as contradições inerentes a essa performance sexual, onde prazer é a dor da subjugação.

No olhar do boy, como ativo ou como passivo, é importante que sua performance se module o mais rápido possível à do cliente, de modo que consiga incrementar a excitação do primeiro e abreviar o tempo necessário para que ele chegue à ejaculação, que marca o fim do negócio, podendo, ou não, dar ensejo a uma nova contratação com aquele cliente, ali mesmo.

O mais importante é, em especial se, se está no início da jornada de trabalho, fazer com que o cliente goze antes, e sem que ele próprio ejacule, na medida em que o gozo do boy pode provocar a morgação sexual, estado afetivo que impede a execução de novos programas na mesma jornada laboral. É muito comum, entretanto, que na contratação o boy receba um bom dinheiro a mais do que o usual para as práticas acordadas, se se quer que ele ejacule.

Para constituir e manter a ereção e ajustar o gozo à lógica de mercado, um conjunto de técnicas são utilizadas. Sobre elas discorrerei a seguir.

### **3.3. Técnicas de Si**

Ao questionar se o boy sente prazer durante a efetivação de um programa, obtive a seguinte resposta:

[...] Rapaz, eu digo aquela coisa: se a pessoa se passa pra tá no quarto com outra pessoa é porque rola prazer (LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO).

Insisto, indagando sobre o fato de geralmente os boys alegarem só transar por dinheiro.

[...] Não, não tem essa conversa. A pessoa que se passa..., porque se fosse a questão do dinheiro, como é que ele ia

deixar o pau duro? (LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO).

Confesso ter me impressionado com a convicção do entrevistado pelo fato de o boy sequer ter permitido que concluísse a frase. Contudo, apesar de sua convicção no que estava dizendo, percebi no discurso a adoção de um tom mais velado, como se revelasse algo sigiloso, protegido por uma espécie de código de ética. Durante a conversa, percebi que a entonação de sua voz diminuía ao passo que ia falando de um grande segredo, algo que poucos deveriam ou poderiam saber.

Penso que o entrelaçar dos diferentes elementos presentes no exercício da michetagem podem ser percebidos nesse depoimento. Dentre uma infinidade de aspectos, os três elementos: os sentidos do prazer, do monetário e da excitação, revelam aqui a sinuosidade de suas assunções. Sinuosidade que se mostra envolta por uma atmosfera de sigilo, mas que evidencia nas entrelinhas um prazer que não se encontra submetido aos melindres do corpo anátomo-fisiológico.

Nesse ponto, considero importante destacar que tal compreensão por parte do boy de programa sofre influências do senso comum, não raramente associando prazer à excitação e conseqüentemente à ejaculação. Porém o discurso põe em cena a questão da excitação sexual do “ficar de pau duro”.

Portanto a modelagem dos corpos e das almas, conforme propõe Foucault (1988), surge como recurso do qual os boys lançam mão para operacionalizar o exercício da michetagem. Seja por intermédio da modelagem dos corpos que resultam na constância de bíceps, tríceps, peitorais, abdômens, pernas e bundas talhadas por horas em academias de ginástica, ou seja, ainda, pelo uso constante de suplementos alimentares e anabolizantes. Nesse sentido, esses corpos são modelados não apenas para a exibição na “vitrine” da prostituição viril que se configura nas ruas e as saunas do Recife, mas também, e com maior frequência do que se imagina, para a concretização dos programas.

### 3.3.1 Técnicas de Excitação

Para manter o “pau duro”, ou seja, a excitação, uma variedade de técnicas serão utilizadas, desde as mais modernas substâncias alopáticas às mais simples, como aquelas fundadas na imaginação.

Antes de passar as técnicas propriamente ditas, convém destacar que para muitos dos boys os programas ganham o sentido transgressor de curtição, que por si só sustenta a excitação e leva ao gozo:

“Mas assim, do tipo, se sou um garoto de programa? Sou! Mas só que eu não dependo disso pra sobreviver, pra levar dinheiro pra casa, porque meus pais estão precisando não. É só pra mim mesmo, só curtição mesmo. [...] só uma curtição... Que eu saio só pra curtir mesmo. Eu saio só pra me distrair mesmo, pra sair, pra curtir a noite [...] (MARCOS, BOY DE PROGRAMA, 18 ANOS, BRANCO. IN. SOUZA NETO, 2009).

Aqui, o prazer torna-se entendido como “curtição”, onde os fatores vinculados ao econômico parecem abrir espaços para a diversão proporcionada pelo ato de ser remunerado em troca de sexo. Segundo Souza Neto (2009), a descarga libidinal parece encontrar o espaço adequado para que os desejos sejam realizados e o ato de se prostituir assuma outros contornos socioculturais, que por hora parecem se encontrar muito mais relacionados ao sexual propriamente dito, que, além de possibilitar descobertas e experimentações, vincula-se ao ganho. Dessa forma, também verifico que no discurso de alguns boys de programa o dinheiro assume apenas uma importância coadjuvante ao exercício do erótico e a descoberta dos desejos.

“[...] É uma espécie de jogo, onde a prostituição mostra-se como espaço adequado e possível para o exercício de sua sexualidade e descoberta do prazer (SOUZA NETO, 2009).

Não obstante, para outros garotos (ou para os mesmos, frente a situações específicas – o deparar com um cliente que pague bem, mas que considere esteticamente feio, por exemplo), é preciso recorrer a remédios e à imaginação para se manter de pau duro. Assim, o uso de substâncias alopáticas surge entre os boys como promessa para “extensão” do momento da excitação, possibilitando melhor desempenho e condições físicas para a realização de um maior número de programas durante a noite.

Nesse sentido, certo boy de programa, 22 anos, branco, residente em Maceió – AL revela que realiza programas em diferentes capitais do Nordeste, entre as quais Recife. Em conversa informal realizada em uma sauna do centro da cidade, ao focar a questão do processo de excitação e dos recursos utilizados para tal, relata o uso de substâncias medicamentosas. Segundo seu depoimento, não raramente o discurso de virilidade enunciado pelos boys de programa esconde, nos bastidores da prostituição viril, o uso frequente e recorrente de medicamentos e estimulantes sexuais. Ainda em seu relato, registra que muitos dos boys que atuam em saunas usam e precisam de uma espécie de remédio, conhecido entre os mesmos como “Relux” para manter e estender o período da ereção.

Em consonância com o que diz Rios (2004), o recurso do exercício mental pode se fazer presente em outras relações sexuais, sejam elas de orientação homo ou heterossexual, inclusive servindo, por vezes, ao incremento das relações. No entanto, me parece que no caso da prostituição viril ele assume lugar de destaque. Gagnon (2006) já apontara para a importância da imaginação para a realização da vida sexual, em seu modelo teórico, fundado na ideia de roteirização da vida sexual, que a descreve a partir de três níveis analíticos: o intrapsíquico, o interpessoal e o panorama cultural.

O autor chama a atenção para o diálogo constante e ininterrupto entre esses três níveis. Irei me ater ao intrapsíquico, que o autor qualifica como uma espécie de ensaio mental que pode anteceder, suceder ou sustentar uma determinada cena sexual. Não obstante, ainda que o ensaio dê a possibilidade de criação de novidades, ele se funda nas representações da vida sexual que resulta dos cenários culturais e das demandas de interação pelas quais o sujeito já passou. Observa, então, que é no campo do intrapsíquico que se

manifestam os problemas concernentes a ligar o significado à cultura e a ação à interação (GAGNON, 2006:225).

Em outras palavras, se o ensaio interno possibilita a preparação e manutenção de certo estado sexual almejado, é nele que deve se resolver os dilemas para que um fim (sexual/comercial) almejado se concretize (o gozo do cliente). Isso tudo é feito sob o signo do prazer, que se não existe de fato deve existir num plano do imaginado:

[...] Sim, mas rola o prazer. Querendo ou não, por mais que o pessoal fale isso [*argumento da necessidade de sobrevivência*], mas rola o prazer. Porque se não rolasse prazer como é que a pessoa iria ficar excitada? (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Ao ser questionado como fazer para ficar de pau duro, Pedro relata o seguinte:

[...] pra gozar? Pra tirar onda com a pessoa em cima da cama? Tem que sentir prazer. Mesmo se não sentir ele tem que imaginar que está sentindo prazer. Imaginar! Por exemplo, eu arrumei uma pessoa agora, eu num tou a fim, tá entendendo? Mas só que aquela pessoa tá me oferecendo um dinheiro antes de eu colocar o preço a mais do que eu cobrei. Eu digo R\$ 30,00, mas quando chega lá, pra eu ter estimulação, eu tenho que botar na mente que eu tou com prazer, fico me masturbando, fico... (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Nessa mesma linha, Pedro resolve os impasses que estar com um homem na cama poderia provocar em termos de ficar de pau duro recorrendo à imaginação:

[...] fico imaginando uma mulher, uma mulher gostosa do meu lado (risos) [...] por que ali é uma imaginação que a gente tem na mente. Às vezes eu fecho os olhos e fico lá pensando que



estou metendo com uma boysinha<sup>27</sup>... (PEDRO, 27 ANOS, BOY DE PROGRAMA, MORENO).

[...] Sempre numa mulher, desde pequenininho. No início, tu pensa numa mulher gostosa pro pau subir, depois você fica ligado na trepada<sup>28</sup>. Fica olhando a bunda do cara, o pau entrando e saindo (LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO).

Observa-se que sem o exercício mental a operacionalização do programa parece não se concretizar a contento ou ser inviabilizada. Interessante pensar que na dinâmica da prostituição viril o exercício mental parece não inserir o cliente em atendimento, mas sim outro(s) externo(s). Na maioria dos relatos, esse outro aparece personificado na figura de uma mulher. Nesse contexto, as “mulheres da rua” aparecem como recurso mais frequente do exercício mental, porém as imagens de companheiras ou “mulheres de casa” também se tornam recorrentes, ainda que em menor proporção e frequência.

[...] penso na vizinha, ou na mulher dos outros (LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO).

Durante conversa informal, outro boy também se posiciona nesse sentido.

[...] penso sempre numa mulher. Com mulher você vai mais com carinho, com homem não. [E quando é a tua mulher?] Ai você vai com carinho, quando é mulher da rua tu vai mais na ignorância, com homem pior ainda (WELL, BOY DE PROGRAMA, 18 ANOS, NEGRO)

Quanto às estratégias adotadas pelos boys, verifica-se a incorporação de recursos visuais como facilitadores ao expediente do exercício mental, uma vez que muitos relatam assistir a filmes de conteúdo pornográfico. Dado

---

<sup>27</sup>Boysinha: adjetivo feminino utilizado em comunidades populares locais como sinônimo de mulheres jovens.

<sup>28</sup>Trepada: referência popular para relação sexual.

curioso refere-se ao fato de grande parte dos sujeitos revelarem começar assistindo a cenas de sexo protagonizadas por casais heterossexuais, antes de sair para a “batalha” ou mesmo durante o programa.

Alguns relatam, entretanto, que com o tempo passaram a assistir a filmes com cenas sexuais protagonizados por homossexuais. No entanto, nesses discursos as categorias ativo/passivo e a generificação das partes do corpo dos homens em masculinas e femininas configuram-se como marcadores de suas preferências eróticas e conseqüentemente do autorreconhecimento de suas identidades sexuais (SOUZA NETO, 2009).

[...] fico ligado na bunda dos caras (LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO).

Nesse contexto, recursos diversos são utilizados e/ou experimentados para facilitar a imaginação. Assim, carícias, toques, beijos e outras ações e comportamentos afetivos podem ser requisitados como elementos secundários ou coadjuvantes ao exercício mental. Quando questionado sobre a utilização desses recursos, Pedro segue em seu depoimento:

[...] conseguindo! Você fica beijando, distraí a pessoa, e fica imaginando que está fazendo com ela o que você queria estar fazendo com uma mulher; você está fazendo nele, ele fica na dele e a gente está fazendo nosso trabalho... (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

### **3.3.2. Modulação dos Corpos para o Orgasmo**

[...] para eu dar outra gozada, ele tem que me pagar de novo, porque o boy de programa, ele não goza, ele ouriça, ele só goza na última (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Ainda no tocante às técnicas de si, tal relato chama atenção para quais estratégias são adotadas pelos boys entrevistados, no tocante à modulação dos corpos para o orgasmo no negócio do michê no Recife.

Conforme relato de Pedro, em linhas gerais, é comum entre os boys o desenvolvimento de técnicas que servem à simulação e/ou retardo do orgasmo. Para tanto, Pedro, assim como os demais boys aos quais tive contanto na ocasião das entrevistas ou conversas informais, falam da existência de alguns critérios que devem ser considerados para que o boy, de fato, chegue ao orgasmo com o cliente. Um deles, talvez o mais importante, consiste no prejuízo financeiro que o orgasmo pode proporcionar ao boy, visto que sua ocorrência e o desgaste físico que esta proporciona inviabilizariam a realização dos demais programas da noite. Dessa forma, o orgasmo do boy torna-se uma espécie de “prática sexual”, das mais raras e caras no negócio do michê no Recife.

Quando da continuidade do diálogo com Pedro, insisto na questão e indago sobre a existência daquelas situações onde o cliente deseja que o boy goze. De imediato, ele argumenta:

[...] Tem. Mas aí ele vai ter que pagar o que eu pedir. O preço que eu pedir. [...] cem conto. Porque é a noite que eu vou perder. Se gozar com ele e pintar outra pessoa, eu não vou ter pique pra gozar com ela na mesma hora (PEDRO, BOY DE PROGRAMA, 27 ANOS, MORENO).

Aqui se evidencia a estreita relação entre modelagem dos corpos com vistas ao controle do orgasmo e os sentidos do monetário, servindo este último como demarcador e estratégia de controle ou liberação do orgasmo. No entanto, essa “autorização” para o orgasmo, disponibilizada pelo dispositivo do pagamento, não figura, ou pelo menos não isoladamente, como elemento que possibilite ao boy chegar às “vias de fato”. Sendo assim, o interesse que o boy demonstra por um determinado cliente nem sempre se guiará, exclusivamente, pelas cifras envolvidas quando da definição do programa.

Nesse contexto, um aspecto que gostaria de frisar é a atração que os boys revelam sentir por clientes que lhes despertam o interesse sexual, clientes classificados entre os boys como “caras presença”, geralmente, homens que apresentam aparência e estrutura física correspondentes a uma harmonia estética mais próxima ao atual padrão de beleza: jovens, magros, de pele clara e com corpos malhados.

“Tem gente presença, tem muita pessoa gorda, magra, mas tem muita gente bonita também que se soubesse nem precisava pagar (ÍTALO, 19 ANOS, MORENO CLARO. In SOUZA NETO, 2009).

Alguns ainda revelam que quando realizam programas com “clientes presença” podem chegar ao orgasmo sem que este, necessariamente, efetue algum pagamento adicional. Também verificado por Souza Neto (2009), a aparência física dos clientes torna-se mecanismo básico para a negociação monetária. Entre os boys de programa a admiração pelos corpos de clientes esbeltos se traduz em desejos e possibilidade de prazer, muitas vezes desvinculados do monetário. Assim, os clientes presenças são valorizados em detrimento de clientes gordos, magros, de baixa estatura e peludos.

Diante do exposto até então, me parece que o prazer mantém uma existência diversa no negócio do michê no Recife, prazer este que não necessariamente se afilia àquele prazer ou àquelas formas de prazer, vinculadas ao sexual. Este, por sua vez também se mostra presente na conversa risonha entre os boys no grupo de pares, contabilizando quantos clientes atenderam e o que aconteceu durante os programas, explicando com riqueza de detalhes o que fizeram ou deixaram de fazer; quando do acerto do valor do programa, e o cliente surpreende ao efetuar pagamento de quantia superior ao que o boy imaginaria cobrar, a coisa do “se dar bem” no programa; na transgressão; no ganhar dinheiro; no subjugar outro homem, entre outros aspectos que me faz compreender que o prazer, nesses termos, apresenta outras configurações.

Tal compreensão encontra referente no relato de certo boy. Quando da ocasião das conversas informais, este, sem fazer cerimônia, relatou não precisar trabalhar e faz programa por que gosta da “putaria”, categoria que absorve diferentes possibilidades de prazer que não apenas o sexual. Informação interessante que se contrapõe àquela, oriunda do senso comum, que diz que a prostituição é destituída de prazer, sendo motivada e legitimada pelo argumento da necessidade de sobrevivência.

Sendo assim, ao me debruçar sobre o universo da prostituição viril no Recife, no intuito de estabelecer uma análise que possibilite compreender como os boys de programa significam prazer e excitação sexual no cotidiano de suas práticas sexuais comerciais, me pego a pensar que para tanto se faz necessário o desenvolvimento de uma série de técnicas de si que se encontram entrelaçadas como na trama de uma tapeçaria, que por vezes se encontram, outras vezes se distanciam, mas estão todas lá. De uma forma ou de outra, estão conectadas, dialogam entre si, quer seja na proximidade, na mistura ou na distância. Sendo assim, tal cenário me faz pensar que sem o recurso da modelagem dos corpos, que ocorre em decorrência da adoção dessas técnicas, a concretização do processo de (re)significação do prazer e da excitação sexual entre os boys, sem querer parecer pretensioso, corre sérios riscos de não ocorrer a contento, ou sequer acontecer.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as inserções no campo, tive a oportunidade de acessar um contexto diverso e rico em possibilidades analíticas. Diversidade que também se estende aos sujeitos entrevistados, distintos em tipos, características e histórias de vida. No entanto, ao passo em que se particularizam em seus universos subjetivos, existe na história de vidas desses sujeitos algo que os uniformiza, algo que os identifica como pertencentes a determinado grupo. Os boys de programa, ao se inserirem, ou serem inseridos, no mercado homoerótico do Recife, se engendram de modo que possam operar naquele lugar, conseguindo o dinheiro almejado e, de quebra, ouriçando e obtendo o prazer das cenas sexuais nas quais se engajam.

Pensar o fenômeno da prostituição, nos remete de imediato ao “lugar comum” que compreende que este se constitui em uma experiência do feminino, ou seja, mulheres e meninas, quando, no máximo, considera-se também a experiência das travestis.

Nesse contexto, credita-se ao masculino o papel de cliente, daquele que consome os serviços sexuais das prostitutas e das travestis, ou o do cafetão, o que serve ao agenciamento; compreensão que termina por invisibilizar aquelas modalidades de prostituição que encontram nos homens os seus executores.

A anunciação da prostituição viril (PERLONGHER, 1987) encarrega-se de revelar o protagonismo de homens que se encontram inseridos no mercado do sexo nos centros urbanos das grandes cidades. No Recife, tal ocorrência também se faz presente e é identificada quando da inscrição de homens, diferentes em tipos e estilos, no mercado homoerótico local, cuja constituição se dá a partir ou em paralelo ao exercício da prostituição viril tanto em espaços de domínio público quanto nos de domínio privado.

Quando me refiro aos espaços de domínio privado, digo de alguns estabelecimentos, tais como: bares, boates, cinemas e saunas, entre outros, geralmente destinados ao público homossexual masculino. Vale ressaltar que apesar de esses espaços não serem organizados para o exercício da prostituição, percebe-se que eles servem à acolhida de tal prática entre os

serviços prestados. Sendo assim, a michetagem passa a figurar em alguns destes estabelecimentos, sobretudo nas saunas, em especial nas duas às quais tive maior aproximação em decorrência da realização do campo, como principal atrativo, incrementando a natureza da razão social destas, a de clube de entretenimento e lazer.

Em relação aos espaços de domínio público, me refiro à rua propriamente dita, sobretudo às ruas do centro comercial do Recife, no bairro da Boa Vista, especialmente a Praça Oliveira Lima e imediações, no horário da noite. Aqui a ambiguidade da rua e a ausência de limites concretos, o que possibilita, quando não obriga, os boys a estabelecerem uma relação, seja ela de maior ou menor proximidade, com toda sorte de “marginais e desviantes”<sup>29</sup>, como também ambulantes e boêmios que constam da composição do mercado homoerótico local, parece ser característica que a distingi quando da comparação com a ocorrência da prostituição viril em espaços de domínio privado.

Constatei que o delinear desse mercado, especificamente no tocante ao exercício da michetagem, não se restringe, conforme diz o senso comum, ao caráter informal e clandestino que este assume, sobretudo quando da ocasião da prostituição cuja ocorrência se dá nas ruas. Fato que se confirma, mesmo que veladamente, quando se observa cuidadosamente a rotina dos boys que batalham nas saunas, rotina essa que em muito se assemelha à de qualquer trabalhador com horários estabelecidos, fardamento apropriado, chefia, assim como toda uma estrutura hierárquica a ser identificada e respeitada, entre outros aspectos.

Dessa feita, pude perceber que o exercício da michetagem no Recife não se dá a partir dos interesses pessoais e solitários dos boys de programa, nem tampouco num vazio institucional; este, sim, ocorre articulado a todo um aparato logístico, que, creio eu, já existente, se adaptou às peculiaridades da michetagem, e que, no contexto ao qual aqui me detenho, possibilita o acesso, tanto dos boys quanto dos clientes, a uma espécie de rede que viabiliza a realização dos programas.

---

<sup>29</sup> Ler Freitas, 1985.

Tal rede tem-se revelado útil à operacionalização do exercício da michetagem, pelas possibilidades de proteção e acesso a informações que estas disponibilizam aos boys de programa tanto no âmbito da prostituição de rua como nas saunas.

Na situação da prostituição viril em espaços de domínio público – a rua -, o comércio formal e informal, sobretudo, o de alimentos e bebidas, que se instala na região investigada, configura-se como elemento que constitui uma espécie de rede de proteção. Sendo assim, cada lanchonete, barraca de pastéis ou banca de bombons serve à comercialização de uma gama de itens que não constam exclusivamente dos seus cardápios, mas, ao passo que estão ali postos, são percebidos e apropriados por aqueles que fazem parte do comércio da localidade, especialmente o informal.

Parece-me que a condição de clandestino na qual os comerciantes se encontram, acrescido à localização ocupada pelos mesmos na geografia do lugar, geralmente situa-se nas calçadas, esquinas ou meio-fio, os inscreve num universo de marginalidade do qual o boy de programa que batalha nas ruas também faz parte. Talvez essa seja uma das hipóteses explicativas acerca da proximidade dos boys com tais comerciantes, e como estes se têm revelado peças importantes na rede que constitui o comércio homoerótico no centro do Recife.

Nesses estabelecimentos, entre o preparo e a venda de sanduíches, bebidas e cigarro, também se comercializa informações úteis aos boys, como também apoio logístico a eles.

No âmbito da prostituição viril em espaços de domínio privado, no caso em questão, as duas saunas às quais me referi, não apenas a noção, mas também a materialização dessa “utilidade à operacionalização dos programas”, ganha robustez, criando contornos mais definidos, quando comparada à sinuosidade identificada na situação da prostituição de rua.

A anunciação de tal mercado, que, ao emergir do mercado do sexo, e este, por sua vez, encontrar pouso no mercado de entretenimento e lazer da noite recifense, revela características distintas marcadas por diferenças e semelhanças que, falam de uma forma de comercializar práticas sexuais homossexuais. Estas, associadas à comercialização de alimentos, bebidas e cigarros, registram um mercado peculiar pouco conhecido.



Este estudo não só reitera o que Souza Neto (2009) outrora havia sinalizado, como também fortalece seu argumento a respeito da anunciação do mercado homoerótico no Recife, apresentando as minúcias que os constituem na experiência cotidiana, possível por meio do revelar de sua face logística, articuladora e informativa, que parece proporcionar aos boys nele inseridos as condições necessárias à realização dos programas. Ao se inserirem, ou serem inseridos, no mercado homoerótico do Recife, os boys, sejam eles adolescentes ou adultos, com práticas ocasionais ou não, são apresentados a uma espécie de código de ética que define quais roteiros devem ser seguidos por aqueles que desejam ser ou “acontecem” de estar profissionais do sexo.

Aqui a adoção de um *modus operandi* diz como os boys devem se portar e agir no cotidiano do exercício da prostituição viril no Recife, que, salvo as diferenças oriundas do contexto em que a prostituição se dá, se no âmbito privado ou público, em linhas gerais esta se refere à introjeção de um protocolo que encontra em olhares, posturas, estéticas corporais diversas (com ênfase na do corpo malhado), figurinos e intenções, alguns dos elementos que o constituem. Sendo assim, faz-se necessário que os sujeitos inseridos nesse contexto busquem estratégias para que tal protocolo se torne possível. Para tanto, a “modelagem dos corpos e das almas” se faz útil a esse propósito.

Tomo de empréstimo expressão que consta do projeto de Foucault (1988), inaugurado por Mauss (1974), que apresenta as técnicas de si como formas de os sujeitos modelarem seus corpos e comportamentos adequando-os ao contexto. No negócio do michê no Recife, percebo que a adoção destas técnicas de si se faz presente de forma diversa. Entretanto, algumas destas revelam-se mais recorrentes e talvez, quem sabe, mais relevantes.

Dentre as técnicas percebidas, duas delas tem-se mostrado importantes para o exercício da prostituição viril no Recife. São elas: 1) o exercício mental e a 2) modelagem dos corpos para o orgasmo. Elas se realizam a partir de um lastro cultural mais amplo, onde os sentidos do monetário, as fontes privilegiadas de prazer corporal cartografadas em gênero, oferecem os recursos para que o jogo do sexo seja encenado no negócio do michê.

No tocante à técnica do exercício mental, percebo o quanto esta, mesmo não sendo um recurso exclusivo dos boys, serve a estes como estratégia

fundamental para o desenrolar do ciclo sexual, conforme apresentado por Masters e Johnson (In. ROBINSON,1977).

Percebe-se também que a adoção de outros recursos, inclusive medicamentosos, se associam a essa prática. Alguns dos entrevistados relatam não ser raro entre os boys o uso de medicação para obter a ereção, nem sempre desejada, mas necessária à realização do programa. Comum também é o recurso dos vídeos pornô, inicialmente com programação destinada ao público heterossexual, sendo inseridos, paulatinamente, vídeos com programação homossexual.

Constatação interessante surge quando da análise das entrevistas e conversas informais, parcela expressiva dos boys diz que, na ocasião do exercício mental, pensa em outras mulheres, geralmente as “mulheres da rua”, para conseguir se excitar, ficar de “pau duro” e manter a ereção até o fim do programa. Nesse contexto de provocar e manter a excitação, a ejaculação consta entre as práticas sexuais identificadas no negócio do michê no Recife como uma das mais raras e caras.

Para que esta ocorra, faz-se necessário observar alguns critérios: um deles diz respeito à sensação de esgotamento físico que a ejaculação proporciona, impossibilitando a realização, a contento, dos demais programas da noite. No entanto, tal prática, apenas ocorreria com a efetuação de pagamento compatível com os ganhos que o boy viria a ter caso levassem a cabo todos os programas da noite.

Outro aspecto que também deve se levar em conta consiste na dimensão subjetiva que aponta o desejo do boy como fator que, associado ou não, à efetuação do pagamento, teria caráter decisivo no tocante à ocorrência do orgasmo. Ou seja, quando o cliente corresponde a padrão estético que agrada ao boy, este, em certas ocasiões, pode chegar ao orgasmo, aqui, pelo que me parece, orgasmo este que vem satisfazer a necessidade do boy, e não do cliente, como é de praxe.

Atravessando todo esse jogo sexual, encontramos o dinheiro para além do argumento da necessidade de sobrevivência. Este funciona como uma espécie de “fio condutor”, perpassando e conectando outros substratos, que não o unicamente econômico, presentes no negócio do michê no Recife.

Fui mostrando como, nesse contexto, as categorias modernas de homossexual e heterossexual são jogadas na interlocução com o arranjo categorial dos segmentos populares: bicha/feminino/passivo e homem/masculino/ativo. Um jogo marcado por relações de poder que hierarquiza prazeres (estar sexualmente com outro homem), fontes corporais de excitação (anus/boca e pênis), posições dos órgãos do prazer na interação sexual (penetrativo e receptivo) e performances de gênero (gestualidades apreendidas como masculinas e femininas), ao mesmo tempo em que solda imaginariamente as quatro ordens categoriais.

Também discuti como se institui a nomenclatura utilizada para que os homens que ofertam serviços sexuais falem de si – boys de programa – e os jogos de sentido, marcados no corpo e no ambiente, para não perderem o status de homens, ainda que experimentem práticas homossexuais. Nesse contexto, propus que o termo boy de programa, em detrimento a profissional do sexo, permite um arranjo que significa o trabalho do sexo como não-trabalho, e a prática homossexual como transitória; do mesmo modo, o espaço protegido das saunas proporciona maior garantia de masculinidade para os homens que não estão expostos ao olhar público não entendido nas ruas da cidade.

Não obstante, Souza Neto (2009) já nos falou sobre esse esquema de significados, que muitas vezes encobre uma série de arranjos interacionais que não cabe no modelo ideal. Assim, ele descreve tanto o embaralhar das práticas como das categorias, que se hibridizam para falar da vida como ela é. Do mesmo modo, explorou alguns dos recursos para justificar práticas que destituem a virilidade dos boys. Arranjos que buscam restituir a posição viril dos homens, de modo, inclusive, a que não descapitalizem a si mesmo no negócio onde a masculinidade, significada pela contenção dos prazeres anais, é uma das principais fontes de erotização/capitalização desses homens.

Discussão teórica que Lucas exemplifica com muita propriedade:

[...] Rapaz, é tudo psicológico, porra! Besteira, fechou o olho, pensou que era uma mulher...[pausa]. Hoje em dia e antigamente o que fala mais alto é o dinheiro, é o dinheiro... [pausa]. Tem dinheiro o pau do cara faz pruuu [sobe], fica logo

duro. “Virado num molho de coentro”<sup>30</sup> mesmo (LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO).

Surge então um quadro interacional no negócio do sexo, que articula desejo, prazer e excitação de modo diferenciado do apresentado pelas teorias sexuais em voga.

No caso de Lucas, uma motivação normalmente qualificada como não-sexual (dinheiro) institui, no lugar do desejo sexual, uma transação que para ser realizada necessita de técnicas de excitação que não passam pelo contato físico entre os corpos e onde o prazer pode ganhar registros também extra-sexuais.

Na perspectiva de contribuir para aprofundar a análise, a questão tratada nesta dissertação foi a de quais recursos esses homens se utilizam para se engajar numa transação sexual com outros homens, ao mesmo tempo em que querem manter uma posição identitária heterossexual.

Distanciei-me da suspeita frequentemente acionada por intelectuais orgânicos aos movimentos identitários homossexuais (quer se afirmem em teorias essencialistas ou construcionistas) de que, na verdade, dada a homofobia que marca a cultura brasileira, esses homens são homossexuais “enrustidos” que se utilizam do manto do trabalho sexual para viver o que não poderiam experienciar de outra forma. Afinal, como conseguem ficar excitados na ausência de desejo? Como conseguem ejacular na falta do prazer?

Não neguei que essa possibilidade analítica pudesse ter referente empírico; e, de fato, para alguns garotos gays identificados essa é linha interpretativa utilizada para significar as experiências que têm lugar na cena sexual do mercado do sexo masculino:

[...] Rapaz, eu digo aquela coisa: se a pessoa se passa pra tá no quarto com outra pessoa é por que rola prazer (LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO).

---

<sup>30</sup> Virado num molho de coentro: Expressão do ditado popular local para traduzir pressa e/ou grande velocidade no desenvolvimento de algo.

Não obstante, persegui neste trabalho (e dando crédito ao que diz outra parte dos homens com que conversei) o arranjo discursivo de alguns boys de programa, que fundam suas práticas laborais na heterossexualidade e em motivações (desejos) e prazeres (e ejaculações) extra-sexuais. Levei a sério e melhor investiguei esse arranjo, o que me permite agora ir além e contribuir para pensar o esquema hegemônico de pensar a sexualidade que propõe a solda acima aludida (e que esconde uma pluralidade de práticas em processo) e uma organização da sexualidade onde desejo/excitação/prazer/ejaculação se inscreve num modelo motivacional focado na nebulosidade do instinto sexual, como apontada no primeiro capítulo, dedicado à recensão teórica sobre sexualidade.

Proponho que, na falta de teorização sistematizada, empiricamente embasada sobre a relação natureza (fisiologia) e cultura no engendramento das condutas humanas, essencialistas (e mesmo construcionistas) do sexual sacam da manga um protomodelo quase teórico, fundado em padrões de comportamento universalizados a partir de uma ideia mais geral de base fisiologista, onde intumescência/detumescência das gonodas são articuladas a um motor (objeto do desejo) marcado por uma classificação naturalizada dos corpos e dos seres em homens e mulheres, cujo objetivo reside na reprodução.

Talvez, a grande contradição ou inconsistência do modelo esteja mesmo no esquecimento de que não apenas o objetivo do instinto não se sustenta analiticamente, mas o objeto, homens e mulheres, são categorias sociais que têm uma indexação teórica datada (LAQUER, 2001). Como nos mostra Machado (2005), na atualidade as polêmicas que envolvem, por exemplo, os seres que possuem marcas classificadas como atributos biológicos de um ou outro sexo vêm desestabilizando as ciências e as clínicas médicas, o que tem, inclusive, solicitado novos e inusitados esforços classificatórios.

O que os homens que entrevistei dizem é que conseguem trazer a mulher desejada para a cena sexual por meio da imaginação, e com a imagem reencantam o corpo que ali, na cena sexual comercial, se lhes oferece para a interação. Conseguem, ao longo de muitos anos de trabalho, ir se desapegando da imagem e focando em partes (bunda/ânus) que se

autonomizam generalizadas como femininas. Em síntese, eles aprendem um conjunto de técnicas corporais que possibilitam colocar sobre seus controles aquilo que é entendido pelos sexólogos como padrão natural de comportamento: o instinto sexual.

Assim, pude ver no meu campo uma abertura de objeto e uma modulação do objetivo que destitui de validade o modelo instintivo proposto. Como diria Gagnon (2006), no negócio do sexo as práticas sexuais podem, muitas vezes, independem de um desejo sexual (que na maior parte das formulações teóricas, e em especial na psicanalítica, se apoiaria em um instinto (sexual) inato, para dele decolar), se fundando no caso, muitas vezes, em um desejo por dinheiro, ou mais amplamente, pelo consumo de bens que a situação financeira, sem o negócio do sexo, não possibilita.

A questão, aqui, como já aponte, não é negar a natureza ou as sensações provocadas pela fisiologia humana, mas discutir que essas sensações internas só ganham sentido quando apreendidas pelo modo como a cultura de uma dada comunidade ordena o mundo; compreender que esses arranjos externos se inscrevem na carne-fisiologia; e pensar que as subjetividades, ainda que se organizem a partir da heteronorma/cultura, o faz de modos singulares em grupos e pessoas de uma mesma comunidade cultural, a depender das trajetórias no mundo (RIOS, 2004).

Nesse sentido, tendo a concordar com Lucas que a experiência do prazer e da excitação no negócio do sexo é mesmo psicológica. É esse psicológico que Bruner (1990) qualifica como enraizado na cultura. Um psicológico que se constitui a partir da trajetória do ser humano do mundo e que, ao invés de ser determinado e cerceado pelo biológico, a partir de técnicas de si (FOUCAULT, 1988) coletivamente formadas para modular almas e condutas afeitas a determinado fim (cultural), é capaz de dar asas a um ser que não nasceu para voar; fazer um homem heterossexual gozar com outro homem, ainda que o modelo instintivo de pensar diga que isso é inviável e o queira remeter para a esfera da homossexualidade.

Assim, no contexto da cultura capitalista e da lógica de mercado do negócio do michê, “o que fala mais alto é o dinheiro, é o dinheiro... (pausa). Tem dinheiro, o pau do cara faz pruuu (sobe), fica logo duro.”

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Claudia Fares. Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, 1987.

BRAZ, Camilo Albuquerque de- **(Dis)posições: gênero, desejo, práticas sexuais e marcadores de diferença entre homens que freqüentam clubes de sexo**, Comunicação apresentada na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, 2008.

BRUNER, Jerome. **Atos de significado para uma psicologia cultural**. Lisboa, Portugal, Edições Escuta, 1990.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In. G. L. Louro (org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade, Belo Horizonte; Autentica 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo, Editora Escuta, 1995.

\_\_\_\_\_. **"Foucault e a terapêutica dos prazeres"**, In: Agora – estudos em teoria psicanalítica. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em teoria psicanalítica – Instituto de Psicologia UFRJ. Vol. II. Nº 1 jan./jun., 1999.

DA MATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1985.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

ELLIS, Haverlock. **O instinto sexual**. Tradução Álvaro Eston. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1933.

FARR, R. (1988). **As raízes da psicologia social moderna (1872-1954)**. Petrópolis: Vozes.



FABREGÁS-MARTINÉZ, Ana Isabel. **Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva.** (org.) Regina Maria Barbosa ET al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

FREITAS, R. Springer de. **Bordel, Bordéis: negociando identidades.** RJ: VOZES, 1985.

FOUCAULT, M. (1988). **A vontade de Saber.** (História da Sexualidade, Vol. 1). Rio de Janeiro: Graal. (Original publicado em 1976).

FREUD, S. **Um ensaio de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901 a 1905).** (Texto original: TREE ESSAYS ON THE THEORY OF SEXUALITY. Tradução: James Strachey, Imago Publishing Co., Londres, 1949).

FRY, Peter – **Pra inglês ver- identidade e política na cultura brasileira,** Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1982.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre a sexualidade.** Tradução: Lúcia Ribeiro da Silva; Revisão técnica Sérgio Carrara e Horácio Sívori. – Rio de Janeiro; Garamond, 2006.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.** 18º edição. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

GASPAR, Maria D. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 3ª edição, 1984, p.112.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo, Ed. UNESP, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, LCT Editora, 1987. \_\_\_\_\_ . **O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 1998.

GIDDENS, A. **The constitution of society: on outline of the theory of structuration.** Cambridge/Berkeley: University of California Press, 1984.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos.** Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria Luisa. **Ser e estar homossexual: dilemas de construção de identidade social.** In: PARKER, R. & BARBOSA, R. (orgs.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

LAQUER, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** 2ª edição, tradução de Sonia M. S. Fuhrmann – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções.** Tradução de Luís Alberto Salton Peretti. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MACHADO, Paula Sandrine. **Sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a reprodução do sexo (como se fosse) natural.** Cadernos pagu (24), janeiro-junho, pp.249-281, 2005.

MARRE, J. **História de vida e método biográfico.** In: cadernos de Sociologia. Porto Alegre, v. 3, nº 3, p. 89-141, jan/jul.,1991.

MARCUSCHI, Luis Antonio. **Fenômenos da linguagem. Reflexões semânticas e discursivas.** Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2007.

MAUSS, Marcel- **As técnicas do corpo** In- MAUSS, Marcel (org)- *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Ed. Cosac Naif, 2005.

MAUSS, Marcel. **"Relações Reais e Práticas entre Psicologia e Sociologia"**. In: *Sociologia e Antropologia* (vol. I). São Paulo: E.P.U./EDUSP. pp. 177-206; 1974.

MOLINA, Ana Maria Ricci. **Prostituição juvenil: uma condição existencial em busca de seus sentidos.** Psicologia: ciência e profissão. ISSN 1414-9893, versão impressa, 2003.

PARKER, Richard. **Abaixo do equador – culturas do desejo: homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil.** Rio de Janeiro, Record, 2002.

PERLONGHER, Nestor Oswaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

QUADROS, M. (2004). **Homens e a contracepção: práticas, idéias e valores masculinos na periferia do Recife**. Tese (Doutorado em Sociologia), Departamento de Ciências Sociais. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

RIOS, Luiz Felipe, 2004. **O Feitiço de Exu: Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, UERJ/REDE SIRIUS/CB.

\_\_\_\_\_, 2009. **O enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes no sertão do Araripe Pernambucano** / Luís Felipe Rios... et al. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2009.

\_\_\_\_\_, 2007. **Homossexualidade e psicoterapia infantil - possibilidades e desafios para a construção dos direitos sexuais dos direitos sexuais na clínica psicológica**. Revista Psicologia Política 13 (1), 2007.

ROBINSON, Paul, 1977. **A Modernização do Sexo**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira.

RODRIGUES, Marlene T. **O sistema de justiça criminal e a prostituição no Brasil contemporâneo: administração de conflitos, discriminação e exclusão**. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 19, n. 1, p. 121-150, jan./jun. 2004.

RUBIN, Gayle. **Notas para uma teoria radical da política da sexualidade**. Original: Thinking Sex – notes for radical theory of the politics of sexuality, in Pleasure and Danger: exploring female sexuality, Carole s. Vance, org. London, Routledge and Paul, 1984.

\_\_\_\_\_. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo**. Recife, SOS Corpo, 1993.

\_\_\_\_\_. **Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality.** In: NARDIR, P. & SCHNEIDER, B. (org.) Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader. London: Routledge, 1998.

RUSSO, Gláucia Helena Araújo. **Rodando a bolsinha: dinheiro e relações de prostituição.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 – Florianópolis/SC (UERN). 2008.

SANTOS, Elcio Nogueira dos. **Sexualidades, corporalidades, transgressões. Entre amores e vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês.** XIII Congresso Brasileiro de Sociologia – PUC – SP, 2008.

SOUZA NETO, Epitacio Nunes de. **Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife.** Dissertação de Mestrado/Programa de Pós-graduação em Psicologia- UFPE, 2009.

TERTO JR, V. **No escurinho do cinema...: socialidade orgiástica nas tardes cariocas.** Dissertação Mestrado em Psicologia. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1989.

VALAS, Patrick. **Freud e a Perversão.** Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.

VANCE, Carole S., 1989. **Social Construction Theory: problems in the History of Sexuality.** London and New York, Press Routledge.

WEEKS, J. **Sexuality and its discontents: meanings, myths and modern sexualities.** London: Routledge and Kegan Paul, 1985.

## ANEXOS / LISTA DE INFORMANTES

1.	Pedro, boy de programa, 27 anos de idade. Ensino fundamental II incompleto, solteiro, moreno, estatura mediana e cabelos pretos. Reside em comunidade popular da zona norte da cidade.
2.	Lucas, boy de programa, 19 anos de idade. Ensino fundamental II incompleto, solteiro, magro, alto, moreno de cabelos pretos. Morador de comunidade popular.
3.	João, boy de programa, 28 anos de idade. Ensino médio completo, estatura mediana, moreno claro, cabelos escuros e curtos. Reside em comunidade popular da zona sul.
4.	Ana, travesti, idade não declarada. Ensino superior completo, morena, alta, de cabelos escuros e compridos. Comerciante, reside e gerencia seu estabelecimento no centro da cidade.
5.	José, boy de programa, idade não declarada. Ensino fundamental II incompleto, alto, malhado, negro, cabelos pretos e curtos. Casado, pai de três filhos. Sem residência fixa.
6.	Almir, boy de programa, 35 anos de idade. Ensino fundamental incompleto, estatura mediana, moreno, abdômen proeminente, cabelos escuros e curtos. Casado, pai de dois filhos. Reside na periferia de bairro da zona norte. Diz ter dezesseis anos de experiência na batalha, muitos deles ocorridos em saunas da cidade.
7.	Well, boy de programa, 18 anos de idade. Ensino fundamental II incompleto, estatura mediana, pele negra, cabelos escuros e curtos. Reside no centro do Recife.

### Lista de Tabelas

**TABELA 1** – Mapeamento de território do centro urbano do Recife onde se encontra instalado alguns aparelhos que constituem o mercado homoerótico em tal região.

## TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidada a participar de uma entrevista sobre os sentidos do prazer e da excitação sexual entre homens com práticas sexuais homossexuais de caráter comercial (michês) na cidade de Recife. Sua contribuição se dará através da concessão de uma ou mais entrevistas de cerca de 2 horas cada uma, em local que você ache mais conveniente.

Sua participação não envolve custos, você também não receberá nenhuma compensação financeira ou de outro tipo pela participação; mas muitas pessoas se sentem recompensadas em possibilitar informações que possam ajudar a sociedade a ser mais justa em termos de cidadania sexual e que possam ajudar a melhor entender os sentidos atribuídos ao prazer e a excitação sexual entre homens com práticas sexuais homossexuais de caráter comercial.

A você serão garantidos os direitos a confidencialidade e ao anonimato. Você também tem o direito de não responder algumas das perguntas, ou de, a qualquer momento, interromper a entrevista, pode inclusive determinar que as informações que já tenha nos dado sejam colocados de fora do resto do material coletado. A assinatura deste consentimento não inviabiliza nenhum dos seus direitos legais.

Caso ainda haja dúvidas, você pode tirá-las agora, ou em surgindo alguma dúvida no decorrer das entrevistas, me coloco a seu dispor para esclarecê-las a qualquer momento.

Após ter lido e discutido com o pesquisador Normando José Queiroz Viana os termos contidos neste consentimento esclarecido, concordo em participar da(s) entrevistas(s), colaborando, desta forma, com a pesquisa “Prostituição Masculina: os sentidos do prazer e da excitação sexual entre homens com práticas sexuais homossexuais de caráter comercial na cidade de Recife”.

Sei que assinando este consentimento não abro mão de meus direitos legais e que ficarão garantidos a confidencialidade e o anonimato.

---

Entrevistado

Data

---

Entrevistador

Data

## ROTEIRO DE ENTREVISTA – HISTÓRIA DE VIDA SEXUAL

### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

- Nome:
- Idade:
- Escolaridade:
- Ocupação:
- Bairro Residencial:
- Raça (relatada e observada): Branco, pardo, negro e índio.

### 2. CONTEXTO FAMILIAR:

- Constituição familiar (com quem vive/qualidade da relação)
- Estado civil (se casado – com que idade casou/circunstancias que levaram ao casamento)
- Nº de filhos/as (quantitativo e idades)
- Atividade profissional que desenvolve atualmente (tipo de atividade e renda)

### 3. CARREIRA COMO BOY DE PROGRAMA:

Gostaria que você me falasse da tua carreira enquanto boy de programa. Para minha pesquisa eu preciso de detalhes (roteiro de novela – personagens, contexto...).

- Como se deu a descoberta do interesse sexual?
- Que idade você tinha?
- Com quem foi? (pessoa, idade, relação de proximidade)
- Onde foi? (local)
- Como foi? (situação, de quem foi a iniciativa)
- Como você se sentiu? (sentimentos e desejos)
- E como se deu a tua entrada na carreira de profissional do sexo (idade, descoberta da profissão, contexto sócio-econômico e familiar, motivos)
- Como foi a primeira vez? (descrever)
- Queria que você me falasse o perfil de tua clientela.

#### 4. CICLO DO ATO SEXUAL:

- Você transa homens e mulheres igualmente? Tem preferenciais?
- Você sente-se atraído igualmente por homens e por mulheres? Mais por homens. Mais por mulheres?
- Qual a diferença da vivência sexual com homens e com mulheres?
- Em termos de práticas sexuais, qual a que te dá mais prazer? Qual a que te dá menos prazer?
- No caso do trabalho de profissional do sexo, me descreve como, em geral, se dá a abordagem.

Se diz o boy diz que não se atrai por homens:

- Você disse que não se atrai por homens, mas a tua clientela é basicamente masculina.
- Como você faz para ficar excitado (“pau duro”)?
- E para manter-se excitado durante a transa?
- E para exporrrar/ejacular?
- Algumas pessoas dizem que ficam de que ficam de pau duro quando se sentem excitadas e exporrram quando a excitação chega ao limite. Alguns associam o prazer a todo o processo de excitação, outras só ao fato de exporrrar. Como é para você esse ciclo do ato sexual?

#### 5. PRÁTICAS SEXUAIS

- Se um cliente te pedir pra dar o cu pra ele, como você reage? E quanto ao desprazer? Quando e como é definida a remuneração relativa às práticas sexuais negociadas?
- Como estabelece valores pela relação sexual com o cliente?
- Existe variação de preço de acordo com as práticas sexuais desenvolvidas durante a transa? E em relação ao prazer que as práticas te dão?



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)